

***“Garimpando memórias dos esportes:
mapeando histórias de esportivização”***

**Relatório de pesquisa concluída
(junho/2010 a junho/2011)**

SUMÁRIO

EQUIPE DE TRABALHO.....	2
1 - APRESENTACAO.....	3
2 - OBJETIVOS	4
3- DESENVOLVIMENTO.....	5
4 - MODALIDADES ESPORTIVAS.....	7
4.1 Atletismo.....	7
4.1.1 Professor Vinculado	7
4.1.2 Bolsista de IC	7
4.1.3 Entrevistas realizadas	7
4.1.4 Produção textual	8
4.2 Ginástica	24
4.2.1 Professores Vinculados	24
4.2.2 Bolsista de IC	24
4.2.3 Entrevistas realizadas	24
4.2.4 - Produção textual	24
4.3 Futebol de Salão.....	42
4.3.1 - Professor Coordenador.....	42
4.3.2 - Bolsista de IC.....	42
4.3.3 - Entrevistas realizadas e datas.....	43
4.4 Tênis de Quadra	52
4.4.1 - Professora Coordenadora.....	52
4.4.2 - Bolsista de IC.....	52
4.4.3 - Entrevistas realizadas e datas.....	52
4.4.4 - Produção textual	53
5 - METODOLOGIA EMPREGADA.....	60
6 - AVALIACAO (PROCESSUAL, DE RESULTADOS E DE IMPACTO)	63
7 - ORCAMENTO DO PROJETO.....	65
7.1 Remuneração de serviços pessoais.....	65
7.2 Material de Consumo	65
7.3 Material Permanente	65
8 - COMUNICACAO DO PROJETO.....	67
9 - CRONOGRAMA DE ATIVIDADES	67
10 - CONCLUSAO.....	68
11 – Bibliografia.....	69

EQUIPE DE TRABALHO

Coordenação

- Prof Ms. Joélcio Fernandes Pinto (PUC/Minas)
Doutorando em História da Educação pela Faculdade de Educação da UFMG
- Profa. Dra. Maria do Carmo (PUC/Minas)
Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG

Pesquisadores Vinculados

- Prof. Ms. José Mauro Silva Vidigal (PUC/MG)
Mestre em Educação Física pela Faculdade de Educação da UFMG
- Profa Ms. Margareth de Paula Ambrósio (Colégio Santo Agostinho)
Mestra em Educação pela Faculdade UninCor Betim
- Prof. Ms. Marcus Vinícius Bonfim Ambrósio (PUC/MG)
Mestre em Educação pela Faculdade UninCor Betim

Bolsista de Apoio técnico

- Paula Miranda Alves Pimenta
Graduada em Educação Física (PUC/MG)
Período de permanência no projeto: 12/2010 a 08/2011

Bolsista de Iniciação Científica

- Alessandro dos Santos Costa (Bolsista de IC)
Graduando em Educação Física (PUC/UFMG)
Período de permanência no projeto: 06/2010 a 06/2011
- Guilherme Alves Correa de Abreu (Bolsista de IC)
Graduando em Educação Física (PUC/MG)
Período de permanência no projeto: 06/2010 a 06/2011
- Lilian Cristina Mariano de Almeida (Bolsista de IC)
Graduanda em Educação Física (PUC/MG)
Período de permanência no projeto: 06/2010 a 06/2011
- Michele Aparecida da Silva (Bolsista de IC)
Graduanda em Educação Física (PUC/MG)
Período de permanência no projeto: 06/2010 a 06/2011
- Denise de Souza Costa (Bolsista de IC)
Graduanda em Educação Física (PUC/MG)
Período de permanência no projeto: 12/2010 a 06/2011

“Garimpendo memórias de esporte: mapeando histórias de esportivização”.

Relatório de Pesquisa

1 - APRESENTAÇÃO

Neste texto apresentamos o relatório da pesquisa intitulada *“Garimpendo memórias de Esporte: mapeando histórias de esportivização”*, aprovada pela chamada pública número 001/2009, realizada pela Rede Cedes (ME). Essa pesquisa foi desenvolvida no período de junho de 2010 a junho de 2011, no Centro de Estudos da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEEFEL), sediado no Complexo Esportivo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MINAS).

O centro de estudos se caracteriza como um centro multidisciplinar, pois tem como objetivo central incentivar, sediar e promover pesquisas e produção de conhecimento nas áreas da Educação Física, do Esporte e do Lazer, a fim de subsidiar intervenções no ensino e na extensão do curso de Educação Física da PUC/Minas. Além, de fomentar discussões e debates para tais áreas do conhecimento. Em seu terceiro ano de existência, o CEEFEL desenvolve atualmente três pesquisas. Duas na área da memória e uma na área do Lazer.

Esta investigação inaugurou no CEEFEL uma temática diferente de pesquisa que foi a identificação, construção e organização de fontes orais e documentais sobre práticas, ensino e organização de quatro modalidades esportivas (Atletismo, Ginástica, Futebol de salão e Tênis) em Minas, no período de 1950 a 1980. Tal estudo exigiu a constituição de um grupo de trabalho e um exercício coletivo de apropriação de aportes teóricos interdisciplinares, fundamentais para qualificar o processo de formação de futuros pesquisadores e qualificar o processo de investigação em questão.

Esse movimento de pesquisa vem ao encontro de estudos históricos, tais como os de Burke (1991), Ginzburg (1989), Le Goff (1994), Faria Filho (1998) que discutem e enfatizam, dentre outros aspectos, a necessidade de diversificar as fontes históricas, possibilitando, dessa maneira, a elaboração de pesquisas que se aproximam mais da realidade, minimizando leituras pontuais, fragmentadas e muitas vezes equivocadas do passado. Assim, acreditamos que os sujeitos que viveram e construíram essas histórias possuem uma variedade de

recursos documentais sobre elas, como fotografias, filmes, documentos tridimensionais, textos etc. e guardam consigo uma infinidade de *documentos de memória* (LE GOFF, 1997), informações, detalhes, nomes e episódios. Essas reminiscências de professores/as, de alunos/as, de atletas, de organizadores e também de pessoas comuns, merecem ser recordadas, contadas e registradas. São temas e sujeitos que aguardam silenciosamente um lugar de expressão para seus depoimentos, seus testemunhos.

A realização de tal pesquisa se justifica em primeiro lugar pela importância da memória como fonte fundamental para a construção de Histórias do esporte mineiro. Sem querer afirmar que tais fontes são imprescindíveis e inquestionáveis, mas tão importante quanto às demais. Em segundo lugar, pela exígua produção científica sobre a história de práticas esportivas em Minas Gerais, principalmente com fontes orais. E em terceiro lugar, pela importância de se conhecer o passado de tais modalidades, para entendê-las em suas tensões e contradições e percebê-las como práticas culturais construídas historicamente. Esta pesquisa vislumbra desencadear um processo de “desnaturalização” das citadas práticas esportivas, dando enfoque ao questionamento dos sentidos e significados atribuídos a elas no momento presente.

2 - OBJETIVOS

Geral

Identificar, produzir e organizar registros de memória relativos à atuação individual e coletiva de sujeitos que estiveram envolvidos com as práticas do Futebol de Salão, do Tênis de Quadra, do Atletismo e da Ginástica, em Belo Horizonte e outras cidades mineiras, no período recortado entre as décadas de 1950 e 1980.

Específicos

- Incrementar na PUC/Minas um processo sistemático de estudo e investigação da memória do esporte em Minas Gerais.
- Constituir um grupo de estudos e de reflexão que reúna alunos/as, professores/as, pesquisadores/as e demais interessados em conhecer, produzir e divulgar histórias dos esportes em Minas Gerais.

- Elaborar e disponibilizar para pesquisadores do campo da história, da Educação Física, e outros interessados na temática, um guia de fontes da memória do Futebol de Salão, do Tênis de Quadra, do Atletismo e da Ginástica em Minas Gerais entre as décadas de 1950 e 1980.

3- DESENVOLVIMENTO

No projeto enviado ao edital estava previsto a investigação de três modalidades esportivas. Todavia, ao apresentarmos a aprovação do projeto para a comunidade docente do curso de Educação Física da PUC Minas, professores envolvidos com a Ginástica se mostraram interessados em participar de tal pesquisa. Assim, fizemos algumas adaptações para que pudessemos atender a tal interesse. Por isso, a pesquisa apresentada neste relatório tem o acréscimo de investigação da modalidade esportiva de Ginástica.

Em um primeiro momento o grupo composto por dois coordenadores, três professores vinculados, um bolsista de apoio técnico e seis bolsistas de iniciação científica participaram do processo que chamamos de formação básica de investigação. O processo teve a duração de dois meses e o objetivo principal foi aprofundar a leitura do projeto de pesquisa e apropriar dos aportes teóricos relativos aos temas pertinentes à pesquisa, tais como, história, memória, história oral, história de Belo Horizonte, dentre outros. Para tanto, foram eleitos alguns textos¹ considerados importantes para esse primeiro contato e dedicadas várias reuniões para discuti-los.

Além disso, tal processo foi auxiliado com palestras sobre História Oral, ministradas pelos professores Michel Le Vem², Marilita Aparecida Arantes Rodrigues³ e Mário Cléber⁴.

¹ **O Pesadelo da Amnésia Coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado.** Myrian Sepulveda dos Santos, **Locais da memória: Histórias do esporte moderno.** Silvana Vilodre Goelher, **Que é História?** E.H. Carr, **Livro: História e memória: a problemática da pesquisa (Introdução, Cáp 1, Cáp 2)** Loiva Otero Félix, **O narrador.** Walter Benjamin. **Tempo presente e presença da história.** François Bédarida, **Arquivos: propostas metodológicas.** Chantal de Tortier Bonazzi, **A invenção do depoimento oral.** Daniele Voldman, **A história oral e as relações autor-personagem da narrativa biográfica.** Andréa Ferreira Delgado, **Afeto e política.** Michel Marie Le Vem, **A narrativa na trama da subjetividade: perspectivas e desafios.** Amauri Carlos Ferreira, Yonne de Souza Grossi.

² **Michel Marie Le Vem** professor com graduação pela Universidade Federal de Minas Gerais (1970), mestrado pela Universidade Federal de Minas Gerais (1976) e doutorado pela Universidade de São Paulo (1988). Atualmente é PROFESSOR ADJUNTO IV da Universidade Federal de Minas Gerais. Atuou como pesquisador no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais e consultor e pesquisador da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Tem experiência na área de Ciência Política com ênfase em Teoria Política.

³ **Marilita Aparecida Arantes Rodrigues**, professora com graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais (1975), Mestrado em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais (1996) e Doutorado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (2006). Professora aposentada da Universidade Federal de Minas Gerais é atualmente professora da Faculdade Estácio de Sá de Belo Horizonte, professora da Universidade Salgado de Oliveira e Diretora de Memória e Informação da Secretaria de Estado de Esportes e da Juventude. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em História da Educação Física, do Esporte e do Lazer.

No segundo momento da pesquisa realizamos um trabalho de leituras específicas sobre o momento da entrevista, tais como, os primeiros contatos, o termo de consentimento livre e esclarecido (exigido pelo conselho de ética), a carta de cessão de depoimento, a carta de agradecimento, o questionário orientador para cada modalidade, os procedimentos técnicos de gravação e filmagem, o retorno das entrevistas aos colaboradores, enfim todos os cuidados necessários para qualificar o momento de construção das fontes.

No momento seguinte, o grupo se dividiu por modalidade esportiva ficando a cargo de cada professor a orientação e condução do processo de marcação e elaboração das entrevistas. Durante essa etapa, foram marcadas reuniões esporádicas com todo o grupo para discutirmos o processo de elaboração e execução das entrevistas. Muitas dúvidas foram levantadas e discutidas à luz dos textos lidos e das experiências anteriores. Foi um processo que tomou três meses da pesquisa, pois muitos colaboradores não podiam prestar seus depoimentos por motivos particulares como consultas médicas, cirurgias, viagens etc. Concomitantemente a esse movimento de elaboração das entrevistas aconteceu também um exercício de transcrição delas. Este procedimento consumiu muitas horas de trabalho e também suscitou muitas dúvidas, pois a transcrição fiel da fala dos colaboradores resultava em textos difíceis de leitura, tamanhos foram os vícios de linguagem encontrados. Após leituras de autores sobre o tema, decidimos eliminar todos os vícios e reconstruir a fala, obviamente mantendo o sentido atribuído pelo colaborador.

Terminada essa etapa começamos a devolver os textos reconstituídos para que os colaboradores pudessem fazer considerações e eliminações que julgassem necessárias. Poucos foram os colaboradores que sentiram necessidade de eliminar alguma fala. Um participante, porém, resolveu não liberar seu depoimento para a investigação, alegando que estava confuso e que o texto poderia comprometê-lo. A este foram explicados os fins e os cuidados com a elaboração daquele depoimento, mas mesmo assim, ele permaneceu decidido em não mais participar.

Após esse processo, todos iniciaram o movimento de escrita sobre os aspectos que se destacaram em cada modalidade. Neste momento, o foco foi identificar as falas recorrentes,

⁴ **Mário Cléber Martins Lanna Júnio**, professor com graduação em História (licenciatura e bacharelado) pela Universidade Federal de Minas Gerais (1990), mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (1993) e doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1999). Atualmente é professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e pesquisador da Fundação João Pinheiro. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Política, atua principalmente nos seguintes temas: Brasil, História Política, Minas Gerais

perceber as ausências, observar as congruências de ações e espaços e mapear possíveis caminhos de investigação. Além é claro, de organizar todo o material (áudios, vídeos, fotos, recortes de jornais, planejamentos, etc.) construído e/ou doado nas entrevistas. Por fim, todos os textos foram entregues aos coordenadores para que pudessem elaborar este relatório final. De um modo geral, o cronograma foi cumprido com êxito, restando apenas uma ressalva da necessidade de redimensionar o período destinado às transcrições, pois foram muitas entrevistas e o tempo de transcrevê-las foi pequeno.

A seguir apresentaremos a divisão dos grupos de trabalho por modalidade esportiva, os colaboradores e as produções textuais derivadas das entrevistas.

4 - MODALIDADES ESPORTIVAS

4.1 Atletismo

4.1.1 Professor Vinculado: José Mauro Vidigal

4.1.2 Bolsista de IC: Lilian Cristina Mariana de Almeida

4.1.3 Entrevistas realizadas

Nomes	Ocupação	Nascimento	Data entrevista
Adilson Ramirez Tassara	Aposentado	13/12/1948	24/11/10
Antônio Ronaldo de Oliveira Flores	Aposentado, Treinador Personalizado e Árbitro da Federação Mineira de Atletismo	20/04/1948	16/10/10
Armando Profeta da Luz	Aposentado	18/07/1934	22/09/10
Eustáquia Salvadora de Souza	Coordenadora do Curso de Educação Física da PUC Minas	30/04/1945	29/09/10
Francisco Gonçalves Filho	Falecido em 14/05/2011	01/02/1923	08/12/10
Gaspar Teodoro de Melo	Aposentado e Diretor Técnico da Federação Mineira de Atletismo	23/07/1945	01/11/10
João Batista da Silva Coutinho	Coordenador de Projetos e Eventos de Atletismo	12/10/1946	15/12/10
Marta Miraglia	Aposentada	24/09/1938	09/02/11
Pedro Américo de Souza Sobrinho	Proprietário e responsável da Especial Clínica e Academia	07/09/1948	16/12/10

Duas entrevistas foram incorporadas à pesquisa. A de Geraldo Profeta da Luz (falecido em 16/05/1996) que foi entrevistado pela professora Christianne Werneck no dia 15 de maio de 1996, em Belo Horizonte. A presente entrevista foi realizada em função do projeto de pesquisa intitulado “*Buscando as origens históricas do Atletismo em Belo Horizonte: análise cultural a partir de uma história de vida e de fontes escritas*”, financiada pelo CNPq. E a de José Lima (falecido em 07/02/1992) que foi realizada por Pedro Coimbra e Iram Ricardo Alvarenga, em 23 de setembro de 1985, em Lavras e disponibilizada para a presente pesquisa.

4.1.4 Produção textual

Memórias do Atletismo em Minas Gerais

O presente item foi estruturado basicamente em quatro partes. Inicialmente uma descrição sumária dos entrevistados e algumas de suas experiências no contexto do Atletismo. Em seguida, são apresentadas algumas instituições identificadas e que tiveram envolvimento com o Atletismo em Minas Gerais. Como terceiro ponto, são apresentados dados sobre os personagens e, por último, apontamentos sobre aspectos relativos ao ensino do Atletismo. Tentou-se organizar os dados mencionados a partir das memórias de seus autores em uma ordem cronológica.

Entrevistados

Armando Profeta da Luz, nascido em 1934 em Belo Horizonte, filho de Geraldo Profeta da Luz, cursou o ensino médio e trabalhou na Escola de Engenharia da UFMG. Entre os filhos foi aquele que guardou grande parte dos pertences do pai, como anotações, certificados, fotos, registros de treinos, correspondências etc. Ele tem representado o pai em homenagens realizadas nos dias atuais, a exemplo do Circuito BH de Corrida de Rua Geraldo Profeta da Luz organizado pela Secretaria Municipal Adjunta de Esportes/PBH. O Sr. Geraldo Profeta da Luz nasceu em 1910 na cidade de São Francisco Xavier, agora denominada Coronel Xavier Chaves, tendo iniciado sua carreira no Atletismo em 1935 no América Futebol Clube, em Belo Horizonte. Em 1939, Geraldo se transferiu para o Clube Atlético Mineiro. Na década de

50, encerrou a sua carreira de atleta devido a uma contusão no joelho. A partir daí iniciou a sua carreira de treinador de Atletismo. No final da década de 80 encerrou sua carreira de técnico de Atletismo e iniciou a carreira de Diretor e Conselheiro Emérito no Clube Atlético Mineiro. Geraldo Profeta faleceu em 16 de maio de 1996.

Eustáquia Salvadora de Sousa nasceu em 1945 no município de Coromandel no Alto Paranaíba, próximo à cidade de Patrocínio. Possui graduação em Educação Física pela UFMG, mestrado em Ciência do Movimento Humano pela UFSM e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Atuou de maneira expressiva na Federação Universitária Mineira de Esportes (FUME). Realizou muitos trabalhos na organização e arbitragem de eventos de Atletismo. Atualmente é professora adjunta e coordenadora do Colegiado de Coordenação Didática do curso de Educação Física da PUC Minas.

Gaspar Teodoro de Melo, nascido em 1948 na cidade de Formiga. Licenciado em Educação Física pela UFMG. Especializou-se em Treinamento Desportivo na PUC Minas. Realizou o Estágio Internacional de Aperfeiçoamento de Atletismo na Universidade de Mainz na Alemanha. Atuou como Coordenador Técnico de Atletismo da USIPA em Ipatinga, MG. Lecionou no Centro Universitário Leste de MG as disciplinas de Atletismo I e II e Treinamento Desportivo Condicionamento Físico. Atualmente encontra-se aposentado e exerce a função de Diretor Técnico da Federação Mineira de Atletismo.

Antônio Ronaldo de Oliveira Flores nasceu em 1945, em Belo Horizonte. Bacharel e licenciado em Educação Física pela UFMG. Especializou-se em Treinamento Desportivo na PUC Minas. Iniciou sua carreira como atleta em 1964 no Clube Atlético Mineiro. Trabalhou como professor de Educação Física na Escola Estadual Governador Milton Campos, no Colégio Pitágoras e no Colégio Arnaldo. Atualmente está aposentado, trabalha com treinamento personalizado e atua como árbitro da Federação Mineira de Atletismo.

Adilson Ramirez Tassara, nascido no ano de 1948, é natural de Belo Horizonte. Possui graduação em Educação Física pela UFMG e Pedagogia pela FAFI/UNI. Especializou-se em Biomecânica Desportiva na UFMG. Iniciou no Atletismo em 1965 no Clube Atlético Mineiro. Começou a praticar Atletismo entre os 14 e 15 anos com o treinador Geraldo Profeta. Exerceu a função de professor de Educação Física na Rede Municipal de Belo Horizonte, na Rede Estadual de Minas Gerais, na PUC Minas e na UFJF. Foi treinador da equipe de

Atletismo do Colégio Municipal de Belo Horizonte, do Clube Recreativo e Esportivo dos Servidores Públicos (CRESP) e da Seleção Mineira Estudantil. Atualmente está aposentado.

Francisco Gonçalves Filho, conhecido como “Leiteiro”, nasceu em 1923 em Belo Horizonte. Já em 1940 estava vinculado como atleta ao Esporte Clube Paysandú. Posteriormente, vinculou-se ao Clube Atlético Mineiro (CAM), onde atuou como atleta e funcionário. Nesse cargo foi admitido em 1946 e encerrou seu contrato em 1980, quando aposentou-se. O CAM foi seu único vínculo formal de trabalho. Leiteiro faleceu em 14 de maio de 2011.

João Batista da Silva Coutinho nasceu em 1946 em Belo Horizonte. Graduou-se em Educação Física na UFMG. Iniciou no Atletismo em 1961, também no Clube Atlético Mineiro. Foi recordista mineiro juvenil e adulto em provas de velocidade. Como treinador, levou a equipe do CRESP de Belo Horizonte à conquista do Campeonato Brasileiro de Atletismo em 1976 e foi campeão Sul Americano com a Seleção Brasileira Juvenil de Atletismo. Atualmente trabalha na coordenação de projetos e eventos de Atletismo em todo o Estado de Minas Gerais.

Marta Miraglia, nasceu em 1938 em Belo Horizonte. Graduou-se em Educação Física pela UFMG. Foi atleta do Minas Tênis Clube de Voleibol, Basquetebol e Atletismo. Começou a jogar Vôlei aos 13 anos. Com 14 já estava na seleção mineira adulta. Aos 15 anos de idade integrou a seleção brasileira adulta e aos 18 anos foi capitã daquela seleção. Próximo ao ano de 1953, participava de competições estaduais de Atletismo, sobressaindo nas provas de arremesso do peso, lançamento do disco, lançamento do dardo e de revezamento. Integrou a equipe da FUME e a Seleção Brasileira de Atletismo, obtendo resultados de destaque nas provas de lançamentos.

Pedro Américo de Souza Sobrinho nasceu em 1948 no município de Campanha, MG. Graduado em Educação Física pela UFMG. Especialista em Reabilitação e Esporte Adaptado pelo Instituto de Reabilitação e Esporte Adaptado de Colônia (Alemanha). Mestrado em Ciências da Educação pela Universidade Johann Wolfgang Goethe (Alemanha). Doutorado em Reabilitação pelo Instituto de Reabilitação e Esporte Adaptado de Colônia (Alemanha). Foi professor da UFV e UFMG, tendo ministrado a disciplina Atletismo – Corridas e Marchas, e Esporte Aplicado na Reabilitação da Pessoa Portadora de Deficiência, entre outras. Exerceu a função de Diretor da Escola de Educação Física da UFMG. Iniciou sua carreira como atleta em 1966 em provas de velocidade. Porém, destacou-se na prova de marcha atlética,

conseguindo no ano de 1967 o índice para participar do Campeonato Mundial Universitário. Aposentou-se na UFMG e atualmente é proprietário e responsável técnico da Especial Clínica e Academia de Promoção da Saúde e Reabilitação.

José Lima nasceu no Rio de Janeiro, no dia 26 de janeiro de 1928. Ainda no Rio cursou Educação Física na Escola Nacional de Educação Física do Exército. Em 1951, com 23 anos de idade, mudou para Lavras para ocupar o cargo de professor de Educação Física do Instituto Gammon. Posteriormente foi professor do Departamento de Educação Física da Escola Superior de Agricultura de Lavras (ESAL), que naquela época pertencia ao Gammon; aposentou-se na ESAL em 1984. Atuou como técnico das equipes de Atletismo e de esportes coletivos do Instituto Gammon e do Lavras Tênis Clube (LTC) nos anos 50, 60 e 70, tendo conquistado vários títulos. Foi técnico de Atletismo da FMA e da FUME por vários anos. Atuou na Seleção Brasileira de Atletismo, campeã Sul-Americana de 1965 e esteve presente na *Universíade* de Tóquio com o atleta lavrense Admilson Bosco Chitarra (ARANTES, 2008). José Lima faleceu em 07 de fevereiro de 1992.

Instituições

As entrevistas realizadas e as buscas de registros documentais possibilitaram a identificação de entidades que tiveram envolvimento com o Atletismo em Minas Gerais no período pesquisado. São elas:

O Clube Atlético Mineiro e o América Futebol Clube foram dois clubes de muito destaque nos primórdios do Atletismo em Minas Gerais, no entanto o surgimento desses clubes em 1908 e 1912, respectivamente, foi motivado pela prática do futebol. Ambos estiveram envolvidos com a fundação da Federação Mineira de Atletismo em 1937. Geraldo Profeta da Luz cita em sua entrevista que:

[...] No América naquela época, tinha o Dr. Hugo Balena Filho – filho do ex-diretor da Faculdade de Medicina, Hugo Balena – que trabalhava com esporte especializado e eu fui apresentado a ele. E ele ficou muito satisfeito comigo e me convidou pra também fazer parte da equipe de América Futebol Clube, e eu aceitei. Aceitei e comecei a competir pelo América desde 1935 até 1938/1939. Fazia parte da equipe principal e sempre tirava o primeiro lugar, não individual, mas por equipe. E aí eles se entusiasmaram muito comigo, e mais tinha cinco atletas que eram da equipe principal. No Atlético não tinha Atletismo naquela época, e como o coração era preto e branco, logo que fundou o departamento de Atletismo no Atlético, e eu fui um dos fundadores também em 1940. Em 1939/1940, eu e mais quatro atletas que disputavam pelo América nos transferimos. (Geraldo Luz Profeta, Testemunho, 1996).

O Esporte Clube Paysandú foi fundado em 1932 e tinha sua sede em Belo Horizonte. O Paysandú também participou da fundação da Federação Mineira de Atletismo. Sobre este clube, Celso *et al.* (1942) cita que a instituição foi uma das precursoras do Atletismo em Belo Horizonte, tendo conquistado muitos campeonatos estaduais. Entre os resultados de destaque, o mesmo autor cita o campeonato brasileiro de salto triplo conquistado por João Damasceno em 1938 e a primeira colocação conseguida pelo Gradim na corrida de Natal, também realizada em 1938. Gradim voltou a conquistar o primeiro lugar na prova de 5.000 metros e em segundo na prova de 3.000 metros no Campeonato Brasileiro de Atletismo em 1940.

A Faculdade Brasileira de Comércio iniciou sua participação em eventos esportivos por volta de 1939. Em 1941, destacou-se no cenário esportivo estudantil de Belo Horizonte e, em especial no Atletismo, em função da participação de José Tibúrcio dos Santos, o Gradim. Celso *et al.* (1942) destaca a participação de Gradim na equipe, apresentando as seguintes considerações:

[...] Possuindo um atleta como Gradim, símbolo perfeito de perseverança, de disciplina, de luta, de método, alcançou a Faculdade, graças a esse grande corredor de fundo, três magníficas vitórias que representam três grandes triunfos para Minas esportiva. Venceu a Corrida da Fogueira, venceu a Corrida da Primavera e venceu a monumental Corrida de São Silvestre. Nessas três pelejas demonstrou Gradim o seu preparo, a sua enorme possibilidade e os conhecimentos profundos que adquiriu em treinos contínuos, preparos que lhe deram o título de mais perfeito atleta do Brasil. As vitórias do "Atleta Solitário" colocaram Minas e a Faculdade numa posição de destaque e de prestígio no cenário atlético do Brasil. (CELSO et al., 1942:58)

O Textil Esporte Clube sediado no Bairro Cachoeirinha em Belo Horizonte que em 1941 participou com alguns atletas em provas da Federação Mineira de Atletismo.

O Esporte Clube Vila Rica era uma entidade representativa da Polícia Militar de Minas Gerais. Essa equipe era constituída exclusivamente por militares.

O Lavras Tênis Clube foi constituído principalmente por atletas do Instituto Gammom. O clube chegou a ser identificado por um período como Associação Gmmonense. Alguns registros indicam o expressivo destaque do Atletismo em Lavras e, em especial, no Instituto Gammon.

Eu me lembro do salto com vara. Eles eram muito bons no salto com vara, nos Jogos Universitários eram eles que concorriam, salto em distância, eles praticavam todas as

provas, tinham de tudo no atletismo, Lavras. (Eustáquia Salvadora Sousa, Testemunho, 2010).

A proximidade com um professor atuante, também, no Lavras (Dilo Moraes) e a inexistência de pista de Atletismo nesse clube justificam, segundo o Professor Lima, em depoimento, o relacionamento entre o Lavras Tênis Clube e o Instituto Gammon. Além disso, sobre recursos materiais e financeiros, bem como a representação institucional para a situação colocada, o Professor Lima apresentou o seguinte relato:

Não havia nem sapatilha, então corria descalço e o Gammon que podia comprar alguma coisa, comprava [...] então a gente arrumava algum dinheiro com o pessoal do Gammon mesmo, na cidade e meu também, de modo que foi dando continuidade e conseguimos realizar um trabalho razoável. [...] o campeão mineiro é o LTC, sempre foi o LTC. Nunca foi o Gammon. Não, é que eu entendia que participar de jogos colegiais seria o colégio, jogos de fora seria o LTC que era o clube que representava a cidade de Lavras. (Lima, Testemunho, 1985).

Marcus Vinícius de Lima Arantes publicou o livro “Abram Alas Estudantes! Os anos de ouro do esporte no Gammon”, publicado pela Editora O Lutador em 2008. Esse livro é basicamente uma coletânea de marcas e tempos relativos ao Atletismo. Estes dados correspondem aos resultados obtidos pelos atletas em diversas competições internas e externas, nas quais houve a participação de gammonenses do ano de 1928 a 1961. Marcus Vinícius cita que o atual Instituto Presbiteriano Gammon já era nos fins da década de 20 uma instituição de ensino que tinha a preocupação em estabelecer competições desportivas com os Colégios Batista do Rio de Janeiro e Granbery de Juiz de Fora.

O Minas Tênis Clube foi uma das entidades fundadoras da Federação Mineira de Atletismo em 1937, tendo participado de forma mais destacada em competições femininas. Marta Miraglia apresenta algumas considerações sobre os primórdios do Atletismo no Minas Tênis Clube:

Muito bem. Nós tínhamos o nosso técnico, o Adolfo Guilherme. Prof. Adolfo Guilherme, o maior cabeça para esportes que nós tivemos aqui. E ele era da escola de Educação Física. Era nosso treinador de Vôlei. Começou a arrebancar: “Gente, vamos fazer Atletismo!” Explicando o que era Atletismo, pois nós também não sabíamos e não tínhamos noção. [...] Então nós íamos para a piscina do Minas, que tinha uma grama muito agradável, onde a gente tomava sol, e o Adolfo reuniu umas meninas: “Gente, vem aqui tal horas que nós vamos ver com o que vocês têm jeito. Como vocês podem fazer para fazer Atletismo.” Então ele mandava algumas correr,

mandava outra pular, arranhou um peso, a outra lança, e então cada uma foi. “Ah! Você tem jeito para isso. Você tem jeito para aquilo. Nós vamos competir. Vai ter uma competição no domingo.” E foi quando reuniu essa turma do Minas e fomos competir. Um caso interessante é que minha irmã, que jogava Vôlei no Minas resolveu experimentar todas as situações: lançava, corria. No dia seguinte ela não conseguia se mexer. Não conseguiu competir de tão doída que ela estava. Foi de numa brincadeira que surgiu o Atletismo do Minas. (MIRAGLIA, Testemunho,2011).

É possível constatar a participação do Minas Tênis Clube em competições de Atletismo no início da década de 50, tendo conseguido resultados expressivos no âmbito estadual e projetado algumas atletas em nível nacional como foi o caso de Marta Miraglia. Sobre este acontecimento, o professor José Lima do Instituto Gammon de Lavras deixou registrado o seguinte relato:

[...] eu vibrei quando o Minas Tênis Clube foi para o atletismo. Criou um departamento de atletismo e realmente havia o Vila Rica que era nosso adversário, depois o Minas e posteriormente o Atlético. Depois foi o CRESP, este mais recente. (LIMA, Testemunho,1985).

A Associação Esportiva e Recreativa USIPA filiou-se à FMA em 26 de março de 1966. A pista de Atletismo da Associação Esportiva e Recreativa USIPA, identificada como pista “Juvenal dos Santos”, foi inaugurada em 07 de setembro de 1967, por ocasião do XXIII Campeonato Brasileiro de Atletismo Masculino e XIII Campeonato Brasileiro de Atletismo Feminino. Segundo o professor Adilson Tassara (2010. Depoimento), a pista da USÍPA foi construída sem haver um trabalho estruturado de Atletismo. Posteriormente à sua construção e inauguração é que foi constituído o corpo técnico, tendo sido um dos primeiros técnicos contratados, o professor Gaspar Teodoro de Melo.

O Clube Recreativo e Esportivo dos Servidores Públicos (CRESP). Sobre o CRESP, Adilson Tassara cita:

[...] o CRESP era o seguinte, era um clube voltado para o servidor público de modo geral, e esse clube sobrevivia com a mensalidade dos servidores e com o seguro de vida que ele fazia com os servidores públicos. Então ele tinha convênio com várias seguradoras, tinha milhares de associados, parte da mensalidade ficava com o clube, parte com a seguradora, então esse clube não tinha muito limite de orçamento, tinha dinheiro. O CRESP passou a importar material para os atletas, ele passou a trazer atletas inclusive de fora também, [...]. E o CRESP também, através do Carlos Moreira e do José Francisco, que nessa época também já fazia parte da diretoria do CRESP, eles montaram uma sede na Rua Rio Grande do Sul que era voltada também para o público, que tinha uma parte de fisioterapia, mas favorecia tudo o que o atleta precisasse, ele tinha todo o equipamento mais moderno da época, tinha o famoso

gladiador da época que foi montado na Pedro II, onde tem aquela praça de esportes, tinha ônibus próprio, tinha motorista próprio, tinha a sede campestre própria, a gente levava os atletas, passava os fins de semana lá, às vezes até com os familiares, e a partir daí o Atletismo começou a crescer e foi a única vez que Minas Gerais conseguiu ganhar o Troféu Brasil de Atletismo em São Paulo, dentre todas as equipes do Brasil e com uma diferença muito grande. (TASSARA, Testemunho,2010).

O Cruzeiro Esporte Clube foi indicado para filiação na Assembléia Geral Ordinária no dia 24 de fevereiro de 1967.

A União Nacional dos Servidores Públicos (UNSP). Adilson Tassara apresenta algumas considerações sobre essa entidade:

A UNSP fundou um colégio na Avenida Getúlio Vargas no início dos anos 70, se não me engano 71, Carlos Moreira o diretor do colégio. Então começou a oferecer bolsa de estudo pros atletas, bolsa de estudo pra quem tinha habilidade, contratou treinadores, passou a dar condição pra essa turma treinar. Foi o antigo ginásio da UNSP que chegou até a ser filiado a Federação Mineira de Atletismo, e tinha atletas muito bons lá dentro. E o CRESP mais no de 75, 74 pra frente, quando a UNSP desativou o colégio, a entidade desativou o colégio sem motivo, então o Carlos Moreira pra manter a equipe de Atletismo, fundou a equipe de Atletismo do CRESP, no Clube Recreativo dos Servidores Públicos, foi quase que uma seqüência da UNSP. Ele usou simplesmente uma outra entidade pra manter o trabalho que ele já fazia na UNSP. (TASSARA, Testemunho, 2011)

O Departamento de Instrução da Força Policial (DI), atual Academia de Polícia Militar da PMMG, situada em Belo Horizonte no Bairro Prado, foi fundado em 03 de março de 1934. O antigo “DI” possui grande importância no desenvolvimento do Atletismo em Minas Gerais em função de ter sido um espaço muito utilizado para a realização de treinamentos e competições locais, estaduais e, até mesmo, nacionais. Outro ponto a ser destacado é que muitos técnicos desportivos foram formados nessa instituição. A pista de Atletismo foi formalmente inaugurada em 1952, sendo denominada “Praça de Esportes Ademar Ferreira da Silva”. Na inauguração, o atleta Ademar esteve presente já como medalhista Olímpico, por ter conquistado a medalha de ouro no salto triplo nas Olimpíadas de Helsinque na Finlândia.

Depois ele começou a dar treino no DI, não me lembro bem a época. Ele foi ao DI pedir autorização para usar a pista e os oficiais precisavam fazer provas de Atletismo, pois o tema constava no currículo deles, e eles não tinham noção nenhuma de treinamento, tiro de 100 metros, 200 metros [...] então acho que eles chamaram meu pai para orientá-los. Com isso ele conseguiu a pista para treinar os atletas dele.

Eu me lembro que ele tinha que chegar e apresentar a autorização para a ordenança, para entrar com os atletas dele, aí ele usava todo domingo de manhã o DI. Eu me lembro que foi logo quando começou com Heitor de Oliveira, que era militar. (LUZ, Armando, Testemunho,2010).

Coincidentemente eu morava perto do Departamento de Instrução da Polícia Militar [...] onde eram realizados os treinamentos, e ali passeando eu fiquei conhecendo alguns atletas, o treinador do Atlético, Geraldo Profeta, e também o Juvenal dos Santos, que era um antigo, um veterano atleta do América. Fui convidado por ambos para fazer um teste de corrida e depois deste teste me convidaram assim como convidaram outros garotos, também da região, para começar os treinamentos, e naquilo nós passamos a participar dos treinamentos e não largamos mais. (TASSARA, Testemunho,2010).

Apesar da acessibilidade proporcionada pelo “DI” para a realização dos treinos e eventos de Atletismo, as condições eram consideradas precárias, principalmente para as mulheres que encontravam algumas limitações para participar das atividades.

[...] Nós treinávamos o Voleibol, mas onde é que nós íamos treinar? Não tinha quadra. Não tinha pista. A do DI? Como que as mocinhas jovencinhas iam lá pro Departamento de Instrução da Polícia Militar treinar? Não existia, não. Era tudo improvisado. (MIRAGLIA, Testemunho,2011).

Olha, a gente já chegava pronta. A única coisa que a gente levava pra vestir lá era o sapato de prego, pois você não ia sair na rua com o sapato de prego. Mas já chegava lá pronta. Mas sempre muito respeitoso. Mas ia pai, mãe. Não era para tomar conta, mas para fazer uma companhia. Era tão precário, que em uma das competições que atrasou os pais acenderam os faróis dos carros na pista para a gente acabar a competição, porque não tinha luz. A coisa era toda precária, arcaica e improvisada. Mas sempre no maior respeito e na maior alegria. (MIRAGLIA, Testemunho 2011)

A Federação Universitária Mineira de Esportes (FUME) foi fundada em 03 de maio de 1938. Esta entidade foi responsável pela projeção de atletas universitários do Atletismo mineiro. É possível constatar o envolvimento de muitos universitários como gestores e organizadores, atletas, técnicos e árbitros. Era relativamente comum a presença de autoridades em eventos universitários.

Durante meu tempo todo de escola eu participava como aluna nesses eventos paralelos do atletismo. Nos Jogos Universitários Brasileiros, nos Jogos Estudantis eu também participava da comissão organizadora. Particpei durante muitos anos, vivi intensamente, e até me lembro que nos Jogos Universitários recebi, em nome da

FUME, um troféu das mãos do Garrastazu Médici, que era o presidente da República daquela época. Eu achava um encanto o presidente ir pras competições. Ele ia e dava força, porque naquele tempo o governo tinha um foco muito especial no esporte, inclusive nos Jogos Universitários. (SOUSA, Testemunho, 2010).

A Federação Mineira de Atletismo (FMA) foi fundada em 09 de dezembro de 1937 com a presença de representantes do América Futebol Clube, Esporte Clube Paysandú, Associação Atlética Aviação, Clube Atlético Mineiro e Minas Tênis Clube. É possível concluir que, mesmo antes da fundação da FMA, eram realizados eventos sistemáticos de Atletismo no âmbito do Estado de Minas Gerais. Os indícios mostram que esses eventos aconteciam de forma mais estruturada nas cidades de Lavras e Belo Horizonte.

Personagens

A história do Atletismo em Minas está muito associada ao nome de Geraldo Profeta da Luz que foi atleta, técnico e incentivador desse esporte. “Profeta” como era chamado, nasceu em São Francisco Xavier (município de Prados - MG, atualmente denominado Coronel Chaves), em 19 de junho de 1910 e iniciou sua carreira no Atletismo em 1935, aos 25 anos de idade, no América, apesar de sua devoção ao Clube Atlético Mineiro.

Quando eu iniciei a prática educativa como atleta, em Belo Horizonte, foi em 1935. Eu trabalhava de garçom num hotel, onde tinha um moço que estudava medicina, o Waldemar Campos [...]. Ele achou que eu estava com um pique muito bom para a prática de Atletismo, e me convidou para treinar no América. Até que eu relutei um pouco, mas depois aceitei o convite dele e fui para o América, mas o coração era preto e branco. (LUZ, Geraldo, Testemunho 1996).

Na primeira prova que disputou, Corrida da Fogueira, obteve a 5ª colocação. Em 1939, Profeta se transferiu para o Clube Atlético Mineiro. Nesses dois clubes participou de provas de fundo. Em 1940 conquistou seu primeiro título pelo Atlético no revezamento 5x1000m. Na década de 50, Profeta encerrou suas atividades como atleta devido a uma contusão no joelho. A partir daí iniciou a sua carreira de treinador de Atletismo. Embora não fosse formado em Educação Física, Profeta foi um grande incentivador e treinador de Atletismo em Minas Gerais.

Em um depoimento, um de seus ex-atletas, o professor João Batista da Silva Coutinho citou:

Foi o maior formador de atletas e incentivador da modalidade, dificilmente será superado por alguém. Apesar de não ter uma formação acadêmica, era um perfeito educador. Era para todos nós uma lição de vida e carinho. Se tem Atletismo hoje em Belo Horizonte, é graças à ele. Afinal foi o precursor de toda geração de treinadores atuais, todos em algum momento de sua vida passaram pelas orientações do Mestre Profeta. (COUTINHO, s.d., citado por SMES/PBH, 2000)

Werneck (2000) cita que mesmo tendo sua carreira de atleta interrompida prematuramente, Profeta passou a se dedicar exclusivamente à função de treinador. Como tal, conquistou vários títulos (11 vezes campeão mineiro feminino e oito vezes campeão masculino), além da extensa lista de atletas de renome nacional e internacional por ele revelados.

Graças a Deus descobri muitos campeões, muitos recordistas, e posso até citar o nome de alguns [...]: Dr. Paulo Irene de Faria, que foi recordista sul-americano no lançamento de dardo com 72 metros e 88 centímetros; Dr. Eurípedes Alves Pereira, o “Goiano”, que fazia arremesso do peso com 15 metros e 48 centímetros; Maurício Valadares que em 1963, em Porto Alegre, o novo recorde mineiro dos 400m com 48 segundos e 19 décimos; e Inêz Queiroz Pimenta, famosa “Pimentinha”, velocista titular da seleção do Brasil [...]; Magali Aparecida dos Santos, que foi fundista. [...] Grandes campeões regionais também, por exemplo: José Domingos Maia, foi recordista mineiro nos 1500, 3000, 5000 e 10000 metros. “Leiteiro”, o famoso “Leiteiro” que foi o grande fundista de Minas Gerais e do Brasil. [...] E tinha pessoas de influência também, como o Dr. Gilberto Ferreira Braga, hoje médico ortopedista, foi saltador em altura. Além de outros atletas, diversos atletas: João Batista Coutinho, que foi campeão mineiro dos 110 e 400 metros com barreira; Orville Martins Carneiro, excelente saltador com vara; Marisa Machado, velocista dos 100 e 200 metros rasos e salto em distância; João da Mata, grande fundista campeão da corrida de São Silvestre em 1983; Getúlio Antônio Sebastião da Silva; Waldir Silva; Clésio de Oliveira; Magali Maio. [...] Na escola de Engenharia, eu treinava a turma da escola, do Atlético, colegiais, e fui várias vezes campeão mineiro sendo citado pela imprensa pronta, falada e televisionada, em que fui considerado o melhor treinador de Atletismo durante 10 anos (1961 a 1969). (LUZ, Geraldo, Testemunho 1996).

Werneck (2000) apresenta que o trabalho realizado por Profeta como treinador era feito por “amor”, sem visar fins lucrativos, diferente de seu trabalho remunerado na Portaria Geral da Escola de Engenharia da UFMG. A autora cita ainda que depois de terminado o expediente, Profeta seguia para os treinos nas dependências do Colégio Marconi, no DI ou no Centro Esportivo Universitário (CEU) da UFMG.

Arantes (2008) faz menção a alguns técnicos que atuaram no Instituto Gammon entre os anos 40 e 60.

Professor Silas Morais

O Professor Silas Morais foi outro dos grandes técnicos das equipes do Gammon. De grande versatilidade, marcou época no Gammon no final dos anos 40.

Professor José Lima

O Professor José Lima foi um dos responsáveis pela projeção do esporte do Instituto para além das fronteiras de Lavras, ensinando técnicas e preparando atletas de

destaque como foram Alfredo Scheid Lopes, Delane Siqueira, Lauro Almeida, José Bernardino, Antonio Murad, Ubaldino Dantas, José Botelho, os irmãos Souza, Richard Lima, Selam Rezende e tantos outros (ARANTES, 2008:23).

O Instituto Gammon e o Lavras Tênis Clube conseguiram um destaque expressivo na década de 50 no desenvolvimento do Atletismo em Minas Gerais. Este fato foi também consequência das preferências do professor José Lima:

[...] Tive uma preferência pelo basquete e atletismo, mas em consequência disso que eu fiz especialização tanto em basquete como no atletismo [...]. E aqui eu forcei um pouco a barra, quer dizer mais para o basquete e atletismo porque eu realmente sentia que era mais esporte meu. Eu fiquei muito preocupado posteriormente porque houve um desenvolvimento muito bom do basquete e atletismo em relação aos outros esportes, então eu tentei ainda outras modalidades, mas eu vi que gostava mesmo era do basquete e atletismo [...]. (LIMA, Testemunho 1985).

Sobre o perfil do professor José Lima, Adilson Tassara faz algumas considerações:

Uma coisa importante também para a gente: nós treinávamos em Belo Horizonte com o acompanhamento do Profeta, isso quando a gente era mais jovem, e em Lavras tinha a equipe do Gammon, que era treinada pelo professor Zé Lima, que foi outro idealista. O Zé Lima ignorava qualquer rivalidade, mas o Gammon era rival do Atlético em competições. Ele ignorava qualquer rivalidade e nos meses de férias, julho, janeiro, principalmente em julho, ele levava alguns atletas do Atlético para treinar um pouco, mudar de ares, aprenderem novas técnicas. Então íamos eu, o Gilberto, o Coutinho, o Ronaldo e outros. Ele colocava no meio da equipe dele, pagava o hotel com o dinheiro do próprio bolso, alimentação fazia ou na casa dele ou ele pagava restaurante, porque a gente não tinha condição de se manter, para tentar passar o que ele tinha para somar para a gente. (TASSARA, Testemunho, 2010).

O professor José Lima é reconhecido como uma pessoa apaixonada pelo que fazia e tinha um grande potencial para descobrir talentos em diferentes modalidades esportivas. Contudo, foi no Atletismo que conseguiu um notório destaque, modalidade na qual projetou atletas que participaram de competições nacionais e internacionais. No dia 25 de agosto de 2007, ex-alunos, ex-atletas e amigos de José Lima lhe ergueram um herma e lhe prestaram uma homenagem apresentando seus depoimentos. Nesta oportunidade, ocorreu a mudança do nome do “Complexo Desportivo do Instituto Gammon” para “Complexo Desportivo Professor José Lima”.

Adolfo Guilherme foi outro professor que também se destacou no Atletismo, tendo contribuído para a constituição da equipe representativa do Minas Tênis Clube. É possível verificar que a iniciativa de implementação de equipes de Atletismo aconteceu a partir do interesse de professores e técnicos, mais do que das instituições.

Nós tínhamos o nosso técnico, o Adolfo Guilherme. Prof. Adolfo Guilherme, o maior cabeça para esportes que nós tivemos aqui. E ele era da escola de Educação Física. Era nosso treinador de Vôlei. Começou a arrebANHAR: “Gente, vamos fazer Atletismo!” Explicando o que era Atletismo, pois nós também não sabíamos e não tínhamos noção. [...] Então nós íamos para a piscina do Minas, que tinha uma grama muito agradável, onde a gente tomava sol, e o Adolfo reuniu umas meninas: “Gente, vem aqui tal horas que nós vamos ver com o que vocês tem jeito. Como vocês podem fazer para fazer Atletismo.” Então ele mandava algumas correr, mandava outra pular, arranjou um peso, a outra lança, e então cada uma foi. “Ah! Você tem jeito para isso. Você tem jeito para aquilo. Nós vamos competir. Vai ter uma competição no domingo.” E foi quando reuniu essa turma do Minas e fomos competir. Um caso interessante é que minha irmã, que jogava Vôlei no Minas resolveu experimentar todas as situações: lançava, corria. No dia seguinte ela não conseguia se mexer. Não conseguiu competir de tão dóida que ela estava. Foi de numa brincadeira que surgiu o Atletismo do Minas. (MIRAGLIA, Testemunho 2011).

Não, não foi proposta do Clube. Foi dele particular. Inclusive ele nos iniciou no basquete também. [...] Então surgiu, eu acho, que por ele ser professor da escola e já ouvir falar de Atletismo de São Paulo, que já tinha o Atletismo muito bom, oriundo de pessoas que jogavam Vôlei no Pinheiros. Uma colega minha da Seleção Brasileira era minha competidora no arremesso de peso. Então, acho que foi um instinto dele. Começou também a Diretoria de Esportes aqui em Belo Horizonte. Eu não sei dizer. Mas acho que foi mais por conta dele. (MIRAGLIA, Testemunho, 2011)

Muitos registros encontrados referentes às décadas de 40 e 50 destacam os atletas Juvenal dos Santos, José Tibúrcio dos Santos (Gradim) e Francisco Gonçalves Filho (Leiteiro) pelos desempenhos conseguidos em muitas competições, principalmente nas corridas de rua. Juvenal dos Santos iniciou sua carreira no Atletismo em 1932, representando o América Futebol Clube. Foi o primeiro mineiro a participar de uma Olimpíada, disputando na Alemanha, os Jogos Olímpicos de Berlim em 1936. O mesmo era corredor do América e se transformou em uma lenda do Atletismo mineiro, tanto que a pista Usiminas (USIPA), localizada em Ipatinga, inaugurada em 1967, leva seu nome; essa foi uma das últimas homenagens que recebeu (AMÉRICA F. C., s.d.). Já em 1941, Juvenal e Gradim participaram do XII Campeonato Sul Americano de Atletismo realizado em Buenos Aires. Leiteiro obteve ótimas colocações em muitas provas de rua e pista nas décadas de 40 e 50, tendo sido, por

muitas vezes, reconhecido pelo Departamento de Esportes Amadores do Clube Atlético Mineiro.

Entre as atletas foi constatado o destaque de Marta Miraglia que representou o Minas Tênis Clube e Selma Resende que competiu pelo Lavras Tênis Clube.

Eu fui a única atleta mineira a participar. E teve umas coisas interessantes em 1959, quando foi meu auge. Nós tivemos os Jogos Universitários Brasileiros, em Niterói, e eu até carreguei a tocha de abertura nos jogos. Era a primeira vez que uma mulher iria carregar uma tocha aqui, e eu carreguei a tocha pela cidade de Niterói, fui a algumas ruas, e fui lá. Atletismo eu ia fazer se o Voleibol desse, porque o interesse era ganhar o Voleibol, como de fato ganhamos. Mas eu ia fazer só o Arremesso de Peso para não me atrapalhar na outra prova de Voleibol. Aí eu fiz o Arremesso de Peso e ganhei como Campeã Brasileira Universitária. Aí, faltou a pessoa que ia fazer Dardo, não sei se estava doente. Eu fui lá e arremessei o Dardo e ganhei o Campeonato Brasileiro de Dardos também. Tinha uma, não era desafeto porque isso não existia. Mas eu não simpatizava muito com ela não, que ia fazer Arremesso de Disco por São Paulo. Aí, falei pra deixarem que eu fosse arremessar o Disco. E ganhei também o Campeonato Brasileiro Universitário de Disco, também. Então era isso. Tudo era bem improvisado e de coração. (MIRAGLIA, Testemunho, 2011)

A Selma foi um estrondo, ela começou no Atletismo logo de cara em 1952, ela já fez 1,50m, 1,52m. Fez 1,50m de altura em arremesso de dardo, e em 54 foi campeã brasileira (inaudível), e ela foi convocada para a seleção brasileira de Atletismo também, campeã de vôlei sul americana ela já era. (LIMA, Testemunho, 1985).

No período para o qual foi direcionada a presente investigação é possível identificar um grupo significativo de atletas que foram reconhecidamente destaques em suas provas. É dito reconhecidamente, porque foram nomes citados por quase todos os entrevistados e pelos registros verificados em jornais (resultados de competições e outras matérias publicadas). Dentre os gestores, os senhores Carlos Moreira e Francisco de Salles Lopes foram muito citados em função do considerável envolvimento com clubes como a UNSP e o CRESP, e também com a FMA. Outra personalidade muito citada pelos entrevistados foi o senhor Cel Ellos Pires, que atuou como atleta, professor e técnico de Atletismo, e foi diretor da Escola de Educação Física da UFMG.

Considerações Finais - Atletismo

A partir dos testemunhos prestados é possível perceber o envolvimento de muitos personagens na prática do Atletismo em Minas Gerais, seja na qualidade de professores, técnicos, gestores ou atletas. Muitos desses mineiros sobressaíram no contexto do Atletismo estadual, nacional e internacional (entre os finais dos anos 30 e a década de 60). Os testemunhos, até então realizados, destacam que José Lima (professor e técnico atuando principalmente em Lavras, mais especificamente no Instituto Gammon) e Geraldo Profeta da Luz (atleta e, principalmente, técnico do Clube Atlético Mineiro) como sendo dois personagens centrais para o desenvolvimento do Atletismo em Minas. Especificamente em relação aos atletas é possível apontar alguns nomes mais citados que destacaram entre a segunda metade dos anos 30, os anos 40 e início dos anos 50, são eles: Juvenal dos Santos, José Tibúrcio dos Santos (Gradim) e Francisco Gonçalves Filho (Leiteiro). Tais dados apontam para a necessidade de uma pesquisa histórica capaz de dar conta de problematizar as realizações de tais pessoas e seus impactos nas práticas corporais, procurando perceber em que medida essa prática foi valorizada, ou não, pelos vários segmentos da sociedade.

Nos relatos de nossos colaboradores é recorrente a idéia de que a mídia escrita, principalmente jornais, dava acentuado destaque na divulgação de eventos e fatos relativos ao Atletismo, bem como para os esportes especializados em geral. Tal fato é confirmado pela grande quantidade de matérias publicadas, que foram encontradas nas pesquisas realizadas em jornais de grande circulação da época. Poderíamos, a partir destes dados, especular que o Atletismo em Minas Gerais apresentou projeção significativa entre as décadas de 40 e 60, apresentando momentos de maior e menor destaque. Todavia, esta afirmativa merece maior investigação, pois o binômio prática e mídia muitas vezes não se apresenta em uma perspectiva de causa e efeito, ou seja, se está na mídia é por que tem muita gente praticando. Muitas vezes é possível perceber que a mídia é utilizada mais para tentar divulgar algo que alguém pensa que precisa ser estimulado. Assim, investigar e problematizar as razões (interesses políticos; a institucionalização esportiva; fundação da Federação Mineira de Atletismo, dentre outras), pelas quais o Atletismo era bem divulgado nesses meios de comunicação, nessa época, pode nos ajudar a entender o processo de desenvolvimento dessa prática esportiva.

Outro aspecto que pode ser incluído na pesquisa sugerida acima é a influência da instituição militar, bem como de muitos de seus integrantes no desenvolvimento do Atletismo em

Minas Gerais. A colaboração de tais agentes por meio da disponibilização do local para os treinamentos e competições (antigo DI), da formação de monitores e técnicos, na gestão, no auxílio da organização de eventos e também na participação como atletas, tudo isso aparece em muitos testemunhos.

Muitos outros aspectos merecem uma pesquisa de fôlego, tais como:

- a) as limitações com relação à disponibilidade de equipamentos básicos para as atividades de treino; as condições de infraestrutura são relatadas como situações muito precárias. Os praticantes, de forma geral, tinham dificuldades de conseguir até mesmo o dinheiro para as passagens até os locais dos treinos;
- b) a atuação de professores e técnicos de Atletismo que além de ensinar e incentivar a prática esportiva atuaram também como verdadeiros “pais” de seus praticantes, aconselhando-os sobre as mais diversos temas, atuando na formação de cidadãos inclusive com auxílio financeiro para custear o transporte e lanches;
- c) a ênfase que a instituição escolar dava ao ensino das técnicas específicas das provas do Atletismo;
- d) o envolvimento pessoal de professores e técnicos no trabalho com a modalidade Atletismo em contraste ao envolvimento das instituições, dentre outros.

Por meio dessa pesquisa foi possível perceber a variedade de fontes existentes para investigações históricas, tais como: matérias publicadas em jornais; documentos de entidades que mantêm arquivos de memória (vale ressaltar a investigação que deve ser feita em centros de memória ou museus existentes em algumas instituições, como: Museu Histórico da PMMG atualmente sediado na Academia de Polícia Militar, Museu Granbery e o Centro de Memória Rádio Inconfidência); arquivos particulares de pessoas que tiveram envolvimento com o Atletismo; e principalmente, fontes orais, sujeitos que têm muito a contribuir com os relatos de suas experiências e de seus conhecimentos.

Nesse trabalho de produção de fontes orais, identificação e organização de outras fontes se iniciou um movimento de ordenar as peças de um grande quebra-cabeça capaz de elaborar uma versão histórica do Atletismo em Minas. Todavia, antes que peças sejam perdidas, fazem-se necessários esforços, como os realizados na presente pesquisa, visando sensibilizar

a comunidade acadêmica e civil da importância da memória das práticas esportivas realizadas em Minas Gerais.

4.2 Ginástica

4.2.1 Professores Vinculados: Marcos Vinicius B. Ambrosio e Margareth de Paula Ambrosio

4.2.2 Bolsista de IC: Michele Aparecida da Silva

4.2.3 Entrevistas realizadas

Nomes	Ocupação	Nascimento	Data da entrevista
Carlos Roberto Alcantra Resende	Diretor de Extensão do CEFET	03/04/1960	12/01/2011
Eduardo Moreira da Silva	Fazendeiro	30/06/1953	14/02/2011
Élcio Guimarães Paulinelli	Aposentado	25/12/1933	07/01/2011
Eliel Martins	Aposentado	19/05/1931	28/02/2011
Ivana Montandon Soares Aleixo	Professora – UFMG	22/10/1960	11/02/2011
Ivany de Moura Bonfim	Acessor da FMG	29/11/1936	08/11/2010
Kátia Lúcia Moreira Lemos	Professora - UFMG	12/07/1962	10/01/2011
Katya Mourthé	Professora Universitária	27/01/1962	13/01/2011
Maira Durães Ribeiro	Aposentada	01/09/1948	20/12/2010
Maria Gláucia Costa Brandão	Deputada Estadual	30/03/1954	19/11/2010
Maria Inês Machado dos Salles	Empresária Esportiva	07/06/1950	31/01/2011
Theresinha Ribeiro Bonfim	Presidenta da FMG	25/06/1936	08/11/2010

4.2.4 - Produção textual

Alguns apontamentos das Memórias da Ginástica na capital mineira

Ao assumirmos a tarefa de coordenar os trabalhos referentes à modalidade esportiva Ginástica, estabelecemos um plano de ação, que consistia em um primeiro momento, fazer um levantamento junto à Federação e a pessoas ligadas à Ginástica, dos núcleos nos quais, a

priori, foi desenvolvida alguma ação relacionada à Ginástica, enumerando todas as entidades que tiveram algum envolvimento com a ginástica, independente da cidade, em Minas. Investigamos também as instâncias governamentais de fomento ou direção do esporte, que tiveram alguma intervenção com a Ginástica.

O próximo passo foi estabelecer um critério de seleção de épocas prioritárias. Sabíamos que havia indícios de um trabalho realizado no Minas Tênis Clube na década de 30, porém a pessoa que estava à frente desse trabalho já havia falecido, dificultando o acesso aos principais personagens desse período. A informação que obtivemos foi de que tal intervenção estava direcionada para acrobacias, sem uma sistematização de ações, ou seja, uma iniciativa pontual. Segundo a memória de vários colaboradores, iniciativas desse tipo não eram raras em cidades como Juiz de Fora, Sete Lagoas, Lavras, dentre outras. Apesar de serem experiências interessantes tivemos que fazer algumas escolhas e definiu-se como foco principal de nossas buscas, o período que compreende as décadas de 60, 70 e 80, principalmente, pois se caracterizava como o período do surgimento de um trabalho sistematizado, com regras universais, competições municipais, estaduais e nacionais, cursos e intercâmbios de atletas, o que culminaria na criação da Federação Mineira de Ginástica.

O resultado desse diagnóstico inicial foi uma lista com quarenta nomes de pessoas que participaram da Ginástica como atletas, árbitros e administradores. Infelizmente, o limite da pesquisa para cada modalidade esportiva era de doze entrevistas, haja vista seus propósitos e condições. Isso nos obrigou a estabelecer um critério para a escolha de doze sujeitos. Estabelecemos, portanto, que deveria haver pelo menos um representante de cada instituição⁵ encontrada, para rememorar suas experiências. Alguns sujeitos se embrenharam em mais de um destes locais ao longo de sua trajetória, o que enriqueceu bastante nossa busca.

Esse momento de seleção dos personagens que participaram da história da Ginástica em Minas foi um processo muito difícil, pois todos mereciam ser ouvidos. Todavia, esse é um sinal de que a pesquisa deve ter continuidade. Para dar conta dessa tarefa, inicialmente listamos uma pessoa por entidade, complementando depois com alguns nomes consensuais.

⁵ As datas anunciadas para cada instituição são oriundas de relatos dos entrevistados. Colégio Anchieta (segunda metade da década de 50 até início da década de 80), Cruzeiro Esporte Clube (1970 a aproximadamente 1973), Grupo de Ginástica Moderna (doravante dita GRUGIM - de aproximadamente 1973 a 1977), Colégio Municipal de Belo Horizonte (1964-1977), JUGIBAL (Judô, Ginástica e Balé, 1970-1981), CEFET (início da década de 70 até aproximadamente 1978), Minas Tênis Clube (1976 até os dias atuais), Federação Mineira de Ginástica (doravante dita FMG - 1970 aos dias atuais), Confederação Brasileira de Ginástica (doravante dita CBG - 1978 aos dias atuais), Diretoria de Esportes de Minas Gerais (doravante dita DEMG), Curso de Educação Física da UFMG.

Nossa vivência como professores no esporte, em todas as instâncias, seja como atleta, técnico, árbitro, dirigente, professor universitário ou amante do esporte, ajudou no processo de escolha das pessoas vivas que tiveram papel relevante, bem como facilitou a condução das entrevistas e acesso aos entrevistados.

Para o Colégio Anchieta escolhemos o professor Eliel Martins, que iniciou como ginasta nesse mesmo Colégio, mas foi durante muitos anos formador de alguns dos principais ginastas de competição de nosso estado, alguns inclusive, posteriormente, implementaram outros centros. Existem fortes indícios que apontam o Colégio Anchieta como a primeira escola em Belo Horizonte a desenvolver um trabalho sistematizado em Ginástica (segunda metade da década de 50)⁶, com a implantação de uma equipe representativa de competição de Ginástica Olímpica. Inicialmente com treinamento de acrobacias no solo, no salto e na roda alemã, tendo como foco principal os desfiles de *Sete de Setembro*. Depois esse trabalho continuou, porém com acréscimos de outros aparelhos oficiais de competição. Esse movimento formou uma das principais equipes de competição em nosso estado, com resultados importantes e inclusão de diversos ginastas nas seleções mineiras e de algumas seleções brasileiras. O referido professor atuou em todas as instâncias do esporte, como atleta, técnico, árbitro, dirigente e professor universitário, sendo um dos primeiros professores de graduação em disciplinas ligadas à Ginástica em nosso estado.

A ginástica começou na minha vida em 1949 quando eu ainda era aluno do Colégio Anchieta e sempre me destacava como aluno em Educação Física, depois comecei a auxiliar o professor e fui me “enfronhando” com a ginástica, a primeira modalidade que eu entrei foi a de Saltos Acrobáticos porque eu gostava muito. Anos depois eu comecei a ter uma turma para dar aula, o Colégio Anchieta sempre deu muito apoio à ginástica, foi lá que a Ginástica Olímpica iniciou. (Eliel Martins, Testemunho, 2011)

A professora Theresinha Ribeiro Bonfim foi escolhida por ser a responsável pela implantação da Ginástica no Cruzeiro Esporte Clube (1970), bem como por sua caminhada na Ginástica, sendo uma das maiores incentivadoras do esporte em nosso estado e país. Foi ginasta de Ginástica Rítmica Desportiva, (na época chamava GRD, agora Ginástica Rítmica)⁷ da professora Maria Aparecida, no Minas Tênis Clube, em uma época em que não havia

⁶ Não há nas entrevistas, determinação concreta de datas do início deste movimento sistematizado, devido principalmente ao esquecimento dos entrevistados, mas baseado nos relatos dos ginastas envolvidos pode-se sugerir esse período como inicial, no entanto, há a citação de, no ano de 1974, acontecer o 30º Festival de Ginástica no Colégio, o que indica que essa era uma prática regular na escola.

⁷ Essa modalidade ginástica será tratada como Ginástica Rítmica Desportiva neste estudo, por se tratar da terminologia própria ao período estudado, por opção dos pesquisadores.

competições, entre meados da década de 50 e início da década de 60, e da Universidade no Chile na mesma modalidade, em equipe representativa dessa instituição.

É uma vivência muito rica, porque ela vem atuando na ginástica há muitos anos antes da fundação da Federação Mineira de Ginástica. Antes passando por um período no Minas Tênis Clube, na modalidade de ginástica rítmica, dirigida por qual professora? Professora Maria Aparecida? [...] E fazia várias apresentações, naquela época não havia campeonatos, depois você teve participações também na ginástica no Chile, quando lá estive, fez parte integrante da Universidade, do Grupo de Ginástica Unido da Professora Ilona Peuker, posteriormente no Colégio Anchieta onde praticamente, aqui em Belo Horizonte, tiveram início as atividades gímnicas, não deixando de falar do professor Macedo no Minas, que tinha um grupo de ginástica acrobática. (Ivany, Testemunho, 2010)

Essa professora casou-se com o professor Ivany de Moura Bonfim, oriundo do Handebol, mas sua atuação na ginástica despertou nele o gosto pelo esporte, fazendo com que desse início a uma nova etapa em sua vida. Ele auxiliou sua esposa nos treinamentos do Cruzeiro Esporte Clube, experiência que o levou mais tarde a ser um dos principais treinadores de Ginástica em nosso estado. Esse casal participou de forma efetiva da história da Ginástica em Minas, fundando depois a Academia GRUGIM com os ginastas do próprio Cruzeiro. O GRUGIM foi, durante muitos anos, formador de muitos ginastas, que ganharam diversos títulos importantes na Ginástica mineira e nacional. Os professores Ivany e Theresinha, bem como o professor Eliel, também atuaram nos diferentes âmbitos de ação da Ginástica: foram técnicos, árbitros, dirigentes, professores universitários, mas somente a professora Theresinha foi ginasta e atualmente comanda a FMG, com auxílio do professor Ivany.

Quarenta anos de federação de 70 a 2010! Isso... E nesses quarenta anos vários presidentes contribuíram para o desenvolvimento da ginástica. Não vou falar sobre a atuação de cada um deles que foi muito importante, e todos trouxeram, assim, um desenvolvimento muito grande para a ginástica e eu vou falar apenas do período em que eu assumi a federação. Que já estou a quinze anos frente à Federação Mineira de Ginástica. Quando eu assumi a federação existiam apenas três clubes inscritos, e realmente a federação estava passando por um período muito difícil, porque vinha de um processo de intervenção da Confederação Brasileira de Ginástica, então eu fui convidada a participar de uma chapa como presidente e de lá para cá, muitas coisas aconteceram e hoje nós felizmente temos um desenvolvimento que podemos dizer assim, um desenvolvimento bom da ginástica aqui em Minas Gerais. (Theresinha, Testemunho, 2010).

Relacionado ao Colégio Municipal de Belo Horizonte, escolhemos a professora Maria Gláucia Costa, que junto com o professor Edson Pisani Martini (já falecido), ajudou no

desenvolvimento do esporte nesse núcleo que teve papel atuante em nossa Ginástica. Alguns atletas que foram alunos desses professores conquistaram resultados expressivos em competições estaduais e participaram de seleções mineira e brasileira. Essa professora atuou na Ginástica Olímpica⁸ (hoje Ginástica Artística), mas seu principal foco de atuação foi na Ginástica Rítmica. Gláucia Costa iniciou como ginasta no colégio, sob orientação do professor Edson Pisani, e depois assumiu (1972) as equipes femininas do mesmo colégio, dividindo as funções de técnica com esse professor. Toda equipe migrou, primeiro, para a academia Yatagan, depois para a ACM, sempre sob a direção de Gláucia, que atuou em todas as instâncias da Ginástica, pois assumiu diferentes cargos na FMG, foi ginasta, árbitra (teve a oportunidade de julgar a ginasta Nadia Comăneci), professora universitária e técnica em diferentes instituições. Atualmente é deputada estadual.

O começo de tudo foi a minha participação e vivência como atleta de ginástica olímpica no Colégio Municipal São Cristóvão. Eu tinha dez anos e estava na quarta série, quando no colégio teve uma seleção de pessoas para começarem um treinamento de ginástica depois das aulas. Na época nós tínhamos a professora Marluce Guimarães e o professor Edson Pisani, o Elcio Paulinelli também era professor no Colégio Municipal, então eles começaram a trabalhar com um grupo de ginástica e como nós participávamos das aulas de educação física eles nos convidaram para fazer um teste de flexibilidade e força para ver se nós teríamos condição de sermos atletas. E eu nunca tinha participado, morava no interior, estudei no colégio desde o primeiro ano primário e não tinha experiência nenhuma a não ser na educação física do colégio. (Gláucia, Testemunho, 2010).

Quanto à JUGIBAL, um dos principais celeiros de ginastas das décadas de 60 e 70 em nosso estado, com uma ampla representação tanto em campeonatos estaduais, como em nacionais, além de participações de atletas nas seleções estadual e brasileira, entrevistamos a professora Maira Durães Ribeiro, fundadora dessa academia. Formadora de muitos ginastas em nosso estado, essa academia atuava em três modalidades esportivas eram Judô, Ginástica e Ballet, por isso a sigla que deu nome a tal academia. A professora Maira também atuou como árbitra em campeonatos estaduais e nacionais.

Olha, eu comecei fazer ginástica em 58, no colégio Anchieta com o professor Eliel Martins. Ai foi uma época muito intensa, de muito treinamento, muitos campeonatos, nós ganhamos muitos campeonatos, inclusive os jogos da primavera do Rio de Janeiro que na época era considerado um Campeonato Brasileiro de Ginástica. Eu fui campeã de trave de equilíbrio, fui segunda no solo, paralela nós

⁸ Essa modalidade da ginástica será tratada como Ginástica Olímpica neste estudo, por se tratar da terminologia própria ao período estudado, por opção dos pesquisadores.

não participamos, porque nós não tínhamos paralela na época e salto eu fiquei em segundo lugar também, ai depois eu continuei treinando até a época que eu entrei para escola de educação física, eu fazia escola de educação física, mas já era técnica. Eu trabalhava junto com o Eliel Martins, a gente tinha nossa equipe no Anchieta que era uma equipe muito boa, depois... depois eu conheci meu marido ele era campeão pan-americano de judô, o Álvaro Loreiro e com ele nós fundamos a JUGIBAL, que era uma academia de judô, ginástica e balé. Lá nós tínhamos a equipe desde mirim até juvenil. Tive muitas atletas de destaque, Katya Mourthé, Climene Costa de Faria, Jacqueline Triginelli, Ana Letícia e outras que agora eu não estou lembrada. Mas a JUGIBAL durou de 70 até 81. (Maira, Testemunho, 2010)

No Minas Tênis Clube, o sujeito da pesquisa escolhido foi o professor Eduardo Moreira, que juntamente com o professor Mário Pardini (já falecido), deu início aos trabalhos de Ginástica no clube. Essa modalidade esportiva teve uma ascensão muito marcante quando todos os atletas do GRUGIM se transferiram para O Minas Tênis Clube. A transferência aconteceu em virtude da ida dos professores Ivany e Theresinha Bonfim para a Alemanha, para realizarem estudos de pós graduação. O Professor Eduardo se iniciou na Ginástica como ginasta dos professores Ivany e Theresinha Bonfim e como o professor Mário Pardini, cursou Educação Física na UFMG, para posteriormente atuar como técnico. Foi presidente da FMG e atuou também como árbitro, auxiliando o professor Mário Pardini a desenvolver equipes de Ginástica de grande nível técnico. Esses professores foram responsáveis por promover intercâmbios nacionais de atletas e montaram uma infraestrutura apropriada para a boa prática e evolução da Ginástica Olímpica, obtendo com esse grupo, durante uma década, os melhores resultados do esporte no país.

Quem iniciou a ginástica no Minas foi o Professor Mário Pardini, em mil novecentos e setenta e [pensando] sete, início de 77, final de 76 e início de 77. O Mário introduziu a ginástica no Minas e alguns meses depois me chamou para trabalhar com ele. Nós começamos no Minas com poucos colchões, alguns plintos, o treinamento também improvisado, sem lugar adequado. Em 78 se não me engano, 79, final de 78 e 79 o professor Ivany e a professora Theresinha foram para a Alemanha fazer mestrado, doutorado e a equipe do GRUGIM se transferiu para o Minas, era uma equipe muito forte, muito famosa no Brasil, com vários campeões. Eles se transferiram para o Minas e nós começamos o trabalho com eles, começamos não, demos continuidade a esse trabalho. (Eduardo, Testemunho, 2011).

Outro centro importante da Ginástica no estado foi o CEFET-MG de Belo Horizonte. O personagem eleito para esse núcleo foi o professor Élcio Guimarães Paulinelli, que se não conseguiu o lugar de destaque na Ginástica de competição em nosso estado, como os outros núcleos anteriormente citados, revelou bons ginastas na década de 70. O professor

participou de uma das primeiras manifestações da Ginástica em nosso estado, como ginasta do professor Macedo no Minas Tênis Clube na década de 30, atuou na Diretoria de Esportes de Minas Gerais e na Secretaria de Esportes de Belo Horizonte durante muitos anos, bem como, árbitro de Ginástica Olímpica e membro da Comissão Fiscal da FMG durante muitos anos. Na Escola de Educação Física da UFMG ministrou disciplinas ligadas à Ginástica. O professor Élcio Paulinelli, juntamente com outros professores ligados à Ginástica de nosso estado, foi co-responsável pela vinda do primeiro curso de Ginástica Olímpica para Belo Horizonte, curso esse que visava ao entendimento da Ginástica Competitiva oficial, dando início a um processo de melhoria tanto dos treinamentos, quanto das competições em nosso estado.

Mas então, nós tivemos esse grupo de pessoas que dava esse curso aqui em Belo Horizonte, e nesse curso, alguns professores se entusiasmaram muito. E eu tive a oportunidade, de como professor da cadeira de ginástica geral masculina, e nós tínhamos na ginástica geral masculina a parte de ginástica acrobática, pois quando aluno da escola eu fiz a ginástica acrobática e gostava muito. Me entusiasmei muito, nós começamos e criamos na Escola de Educação Física a cadeira de ginástica olímpica. E na mesma época a Theresinha também criou, na parte feminina, a ginástica olímpica feminina. Então foi quando [pensando]. Neste movimento, nessa época, isso deve ter sido na década de 1960, 64 ou 65, por aí, quando foi criada a Federação de Ginástica. (Élcio, Testemunho, 2011)

Pensando na Ginástica como uma manifestação que não se limita à Ginástica Olímpica, mas também à Ginástica Rítmica, entrevistamos a professora Maria Inês Machado, uma ginasta de Ginástica Rítmica que atuou na década de 60 e que ganhou diversos títulos brasileiros e sul americanos. A professora Maria Inês Machado também atuou em todos os âmbitos da Ginástica Rítmica, principalmente como técnica. Inicialmente no Colégio Municipal Marconi, depois no Mackenzie, na UNI BH e hoje na GRM (academia de sua propriedade). Boa parte da vida da professora está ligada à Ginástica Rítmica, seja como ginasta, como técnica, como árbitra, como dirigente, como professora universitária e agora como empresária.

Aos dez anos fui para o Colégio Frei Orlando e o professor Afonso estava preparando o colégio para os famosos Jogos da Primavera. E ele me via nos horários do recreio virando de cabeça para baixo, fazendo parada de dois apoios, andava com as mãos e ele achou interessante isso e começou a me orientar no sentido de que eu pudesse vir à frente do colégio como baliza. E assim começou essa minha trajetória mais ginástica. Eu... Durante muitos anos eu pratiquei ginástica na rua, nos desfiles de rua, aos doze anos fui para o Colégio Anchieta. Lá o professor Eliel Martins também me viu e me convidou para fazer ginástica, então chamada ginástica olímpica. (Maria Inês, Testemunho, 2011).

A professora Kátia Lemos foi eleita para fazer parte dessa pesquisa, pois ela coordenou, na Escola de Educação Física da UFMG, equipes de Ginástica Aeróbica Esportiva, que tiveram bastante representatividade internacional. A professora, acreditando no potencial dessa modalidade, galgou os principais degraus desse esporte no mundo, sendo hoje referência tanto no estado, como no restante do país e fora dele. A professora Kátia atua também na arbitragem, gestão do esporte no estado e país, bem como ministra aulas de disciplina de Ginástica na graduação. Iniciou sua carreira na ginástica como ginasta, num primeiro momento atuando como baliza, em seguida treinando Ginástica Rítmica Desportiva com a professora Theresinha Bonfim no GRUGIM e mais tarde com a professora Margarida Quintão no Colégio Pitágoras-BH.

Quando entrei na Universidade fui fazer Educação Física por causa da Margarida Quintão que foi um dos maiores exemplos de profissional que eu tive. Minha família contra. Meu pai ficou um ano sem conversar comigo quando eu entrei. Eu entrei para ser técnica de ginástica, queria fazer educação física para ser técnica de ginástica rítmica e foi o que eu menos fiz na minha vida profissional... Nunca fui ginasta de aeróbica, mas me apaixonei, a ginástica é passional porque não é uma modalidade que te traz recursos financeiros, não é uma modalidade que você pode viver como técnica, eu não consegui em nenhum momento receber para ser técnica, mas é uma paixão e eu estou nisso até hoje. (Kátia Lemos, Testemunho, 2011).

Outros sujeitos escolhidos para serem entrevistados faziam parte de instituições de fomento do esporte em nosso estado, como foi o caso do professor Carlos Alberto de Alcântara Resende, que também desenvolveu durante muito tempo um trabalho de Ginástica Geral (hoje Ginástica Para Todos) no CEFET de Ouro Preto. E posteriormente no CEFET-BH, no início da década de 80. Paralelamente ao trabalho de técnico, atuou como árbitro internacional, arbitrando inclusive uma Olimpíada, mas sua principal contribuição para o fomento da Ginástica Geral se deu junto ao professor Mário Pardini, na CBG, como diretor da modalidade citada. O professor Carlos também iniciou sua carreira na Ginástica como ginasta.

Bom eu comecei a me envolver com ginástica, com a acrobacia inicialmente no SESC. Eles tinham um grupo de demonstração de acrobacia no solo e trampolim. Aquele trampolim era de madeira, era uma tábua de madeira, aquelas tábuas de piscina, e nós saltávamos sobre o plinto. Ali eu aprendi a fazer rolamento, salto peixe, saltos mortais, fazíamos demonstrações. Depois eu comecei a estudar no

Colégio Anchieta e tive contato com o pessoal da ginástica olímpica, lá comecei a treinar. Isso com 12 anos mais ou menos e minha atuação como ginasta mais significativa foi aí no Colégio Anchieta, onde começamos a melhorar. Na época existia o Colégio Anchieta, o Colégio Municipal São Cristovão. E depois vem o GRUGIM, o JUGIBAL que era só feminino. Enfim existia também um trabalho no Colégio Tiradentes e outro no CEFET. (Carlos, Testemunho, 2011).

Outra atuação marcante frente à CBG e à FMG foi da professora Katya Mourthé, inserida na lista, não somente por essa característica, mas porque foi uma das principais ginastas mineiras e brasileiras da década de 70. Atuou em diferentes Comitês técnicos da FMG e CBG, bem como atua como árbitra de diferentes modalidades, exercendo essa função em competições regionais, nacionais e internacionais. Outra característica importante é que ela atuou como ginasta no Colégio Anchieta, JUGIBAL, GRUGIM e no Minas Tênis Clube, ou seja, vivenciou o cotidiano de treinamento dos principais centros de treinamento de nosso estado, acompanhando, dessa maneira, a transformação e evolução deles. Atuando como técnica contribuiu na transição do Minas Tênis Clube, que antes atuava em apenas uma Modalidade de Ginástica e passou a atuar em várias outras.

Meu início na ginástica foi através do Colégio Anchieta, eu era aluna do colégio e lá sempre tiveram atividades ligadas à educação física, como gincanas, modalidades esportivas e as aulas de educação física que me chamavam muita atenção... Uma das coisas que me chamou a atenção foi à ginástica. Eu então comecei a gostar da ginástica olímpica e uma das professoras do Colégio Pitágoras, a professora Maira, abriu uma academia e me convidou para começar a ginástica olímpica com ela, a partir desse momento eu estou sempre envolvida com a ginástica e contente com isso. Gosto e faz parte da minha vida, a partir de nove anos de idade eu estou envolvida com a ginástica (Katya Mourthé, Testemunho, 2011).

A professora Ivana Montandon fez parte desse grupo de colaboradores e formou, juntamente com a professora Katya Mourthé, uma dupla de ginastas muito representativa na década de 70. Durante muitos anos, Ivana está à frente de disciplinas relacionadas à Ginástica na Escola de Educação Física da UFMG, como chefe desse departamento na faculdade e à frente do Centro de Treinamento de Ginástica da FMG, nessa universidade.

Eu comecei na ginástica no Clube Cruzeiro que existia na sede do Cruzeiro Futebol Clube, que era ali, perto da Assembléia mesmo, no Barro Preto e a gente fazia a ginástica lá no salão social do clube [risos] que era cedido. Os meus treinadores durante a minha vida toda, em grande parte e não a vida toda, porque em grande parte foi o professor Ivany Bonfim e a professora Theresinha Ribeiro Bonfim, foram meus treinadores iniciais e em grande parte da minha vida como atleta. (Ivana, Testemunho, 2011).

Segundo as memórias de nossos colaboradores parece que a primeira manifestação de Ginástica em Minas Gerais, se deu no Minas Tênis Clube, no bairro de Lourdes, com o professor Macedo⁹, no ano de 1935. Suas aulas de ginástica eram ministradas junto com outras modalidades esportivas, tais como, natação, tênis, voleibol, basquetebol, dentre outros e atendia a uma recomendação do governador do estado.

Eu fiz a ginástica acrobática quando tinha nove anos de idade no Minas Tênis. Que nove? Seis anos, o Minas foi criado em 1935, e em 1939 eu fui aluno do Professor Macedo, exatamente fazendo a Ginástica Acrobática. Quer dizer, isso era um tipo de ginástica que se fazia e era bonito. (Élcio, Testemunho, 2011).

Segundo os testemunhos, houve uma determinação do Governo do estado à época da inauguração, para que se ofertasse uma grande variedade de atividades físicas, na nova praça esportiva pública, permitindo ao cidadão belo Horizonte uma gama de opções de esportes que visassem à formação de homens fortes, saudáveis e com hábitos sadios, para proporcionar à jovem metrópole que crescia uma população sem vícios e doenças.

Deve ser junto da criação do Minas que foi em 1935, não é isso? O Minas foi em uma época que foram criados no Estado, pelo então Governador do estado, Benedito Valadares, as praças de esporte. Para todos os lados tinham praças de esporte e eu sei que em Montes Claros ainda têm praças de esporte até hoje. Diversas cidades do Estado que você visita têm praças de esporte. Foram criadas em 1935 pelo Benedito Valadares, inclusive o Minas Tênis Clube, por que o Minas era do Estado. Aquela área era área do Estado, aquele terreno do Minas I era do Governo. Para incentivar a atividade física, o Governador utilizou os militares para poder fazer educação física, tanto é que todo mundo chamava o professor de sargento, quem dava aula de educação física eram os sargentos. (Élcio, Testemunho, 2011)

Baseados em relatos das entrevistas, pudemos observar que a modalidade de Ginástica desenvolvida nessas aulas era baseada em acrobacias e pirâmides, sem uma regulamentação que a fundamentasse, não trabalhando a Ginástica em sua forma esportiva institucionalizada, bem como há o registro de treinamentos de Ginástica Rítmica na década de 60, somente para demonstrações, comandadas pela professora Maria Aparecida, da qual a professora Theresinha Bomfim foi ginasta. Aspectos que merecem ser investigados.

⁹ Nenhum dos entrevistados soube dizer o nome completo do professor Macedo. Carece de uma busca mais detalhada para garantir mais informações acerca do mesmo.

Outro fato que carece de investigação é a existência de práticas esportivas de Ginástica no interior mineiro, no período recortado, pois membros dos clubes de Sete Lagoas Tênis Clube (Sete Lagoas), o Figueira Tênis Clube (Governador Valadares) e o Esporte Recreativo Caiçara (Rio Pomba), estiveram presentes na reunião de fundação da Federação Mineira de Ginástica. Tais presenças se caracterizam como fortes indícios de práticas do esporte no interior.

Também baseados nos diversos relatos dos entrevistados, entendemos que após esse primeiro movimento relacionado à Ginástica, o professor Eliel Martins, apoiado pela direção do Colégio Anchieta, no bairro Caiçara, e pelo professor Ernani (seu professor de educação física), iniciou um trabalho específico de ginástica competitiva, com a Ginástica Olímpica. Iniciou com pouca aparelhagem e em condições precárias, mas que possibilitou a formação de uma equipe representativa do Colégio, em meados da década de 50, com o desenvolvimento dos treinamentos no solo e salto sobre o cavalo, com plintos, bancos suecos, cavalo para saltos, trampolim e colchões.

O colégio me dava muito apoio, lá eu consegui os primeiros aparelhos que tiveram em Minas Gerais, principalmente em Belo Horizonte, o Anchieta adquiriu traves de equilíbrio, paralelas, argolas, [pensando] paralelas masculinas, cavalo, o Colégio Anchieta foi o precursor da Ginástica Olímpica em Belo Horizonte e praticamente em Minas Gerais. A primeira competição que nós entramos foi no Rio de Janeiro, nos Jogos da Primavera, nós tivemos a oportunidade de sermos campeões no desfile, foi uma coisa inédita, porque era sempre o Rio de Janeiro que ganhava o desfile e nós conseguimos ser campeões. Participamos da Ginástica Olímpica e da Ginástica Rítmica, na época também tinha um time de Ginástica Rítmica aqui. Então iniciou-se a fase de ginástica olímpica e ginástica rítmica aqui em Minas Gerais. Passados alguns anos eu conheci a Professora Theresinha que estava chegando da Alemanha e pedi ao diretor do Colégio que desse uma oportunidade para a Theresinha, porque ela estava chegando da Alemanha e poderia trazer alguma coisa boa para o Colégio, então ela foi contratada pelo Colégio Anchieta, onde ela também começou o seu trabalho. Eu tinha minha ginástica rítmica e a turma da ginástica olímpica, com saltos e outras coisa. (Eliel Martins, Testemunho, 2011)

No entanto, nesse núcleo a montagem das séries de solo era feita inicialmente no cimento. Com a aquisição de mais aparelhos dessa modalidade houve uma melhoria nas condições de treinamento e um incremento nesses aparelhos, melhorando a qualidade deles, o que possibilitou a participação da equipe em eventos nacionais, com resultados expressivos. Essa melhoria da infraestrutura para treinamentos culminou com a cobertura da quadra e da implantação de um espaço próprio para a prática da Ginástica Olímpica, inclusive com tablado, além de todos os outros aparelhos, que tinham que ser montados e desmontados

todos os dias. Os técnicos desse núcleo ginástico foram o professor Eliel Martins, que além de assumir treinamentos de Ginástica Olímpica, também ministrava treinamentos de Ginástica Rítmica. A professora Theresinha Bonfim e a professora Maira Durães Ribeiro (ginasta do próprio professor Eliel nas décadas de 50 e 60) foram contratadas para assumir o papel de treinadoras no próprio Colégio Anchieta com as equipes femininas. Diversos ginastas passaram por esse espaço e alguns se destacaram, dentre os principais podemos citar Paulo Roberto Bassoli¹⁰, Carlos Roberto Alcântara de Resende¹¹, Ivan Fernandes Ribeiro¹², Maria Inês¹³, Káthia Mourthé¹⁴. Outros ginastas também passaram por este centro, dentre eles Rômmel, Dalmo, Márcio, Andreon, Estela, Alceu, Flávio, Diógenes, Júlio, Dulce, Jussara, Elisabeth, Fátima, Maria José, Aguida, Leila Mirtes e Margarida.

Alguns ginastas formados no Colégio Anchieta são oriundos de Juiz de Fora, onde também acontecia um trabalho de Ginástica com o professor Ítalo, focado mais em acrobacias e pirâmides, mas com uma aproximação da Ginástica Olímpica, mais especificamente nos aparelhos solo e salto, de onde vieram ginastas importantes, como Bassoli, Rômmel, Dalmo, dentre outros.

No Cruzeiro Esporte Clube em 1970 (localizado no Bairro Barro Preto), a professora Theresinha Ribeiro Bonfim implementou a modalidade de Ginástica Olímpica para ambos os sexos, pois, segundo os entrevistados, o ensino na Alemanha (onde ela havia estudado) não fazia separação de sexos.

Mas a ginástica foi tomando muito tempo, porque nós começamos no Cruzeiro. Lá antes a Theresinha tinha um grupo de ginástica rítmica, que deu início, a origem ao GRUGIM, a ginástica do GRUGIM, e já participando em campeonato brasileiro. Mas ela então, como tinha experiência na área de ginástica artística, tanto masculina quanto feminina, uma vez que na Alemanha o ensinamento era para os dois sexos, ambos os sexos. (Ivany, Testemunho, 2010).

¹⁰ Oriundo de Juiz de Fora, que foi campeão brasileiro de solo e grande destaque da Ginástica no Brasil na década de 60, tornando-se professor universitário após o fim da carreira como ginasta.

¹¹ Iniciou seus treinamentos no ano de 1972 e foi destaque nas competições nacionais, principalmente no aparelho argolas, aparelho esse, inclusive, que o tirou da ginástica de competição, ao sofrer um acidente durante um Campeonato Brasileiro, que quase o deixa paraplégico. Destaque para sua superação: a própria ginástica o ajudou a sair de um estado em que os médicos não acreditavam que haveria cura;

¹² Atleta destaque estadual, posteriormente se transferiu para o Minas Tênis Clube quando esse montou uma equipe masculina com ginastas de diferentes centros, e posteriormente tornou-se treinador de ginástica.

¹³ Iniciou seus treinamentos em 1972 e em 1974 foi a primeira no Campeonato Brasileiro, sem ter passado por nenhum Campeonato Mineiro, ganhando em quatro aparelhos.

¹⁴ Começou a treinar no início da década de 70 e viria a ser destaque nacional na Ginástica como ginasta, mas principalmente a partir do período em que iniciou seus treinamentos na JUGIBAL, mantendo essa performance quando se transferiu para o GRUGIM e mesmo quando toda sua equipe migrou para o Minas Tênis Clube, já no final da década de 70, onde posteriormente a seu abandono das competições iniciou sua atuação como técnica.

Posteriormente ao início dos treinamentos ela convenceu o professor Ivany de Moura Bonfim a auxiliá-la nos treinamentos. Assim, introduziram os aparelhos de Ginástica Olímpica (solo, salto, paralelas masculinas, argolas e trave). Com estrutura precária para os treinamentos, o aprendizado, inicialmente, foi muito improvisado, pois não havia aparelhos oficiais, apenas colchões, forçando os professores a ensinar os saltos sobre o cavalo em uma mesa de bar que existia no Clube, finalizando o salto nos colchões. O mesmo problema se dava com a trave, que era ensinada em uma trave baixa, já que não tinha o aparelho oficial, ou nas argolas que eram feitas em um aro amarrado a cordas penduradas no teto. Um pouco melhor que essas, mas improvisadas da mesma forma, eram as paralelas masculinas, duas construídas na marcenaria do próprio clube.

Então foi um grupo muito misto, formou-se um grande grupo. O de menores e de ginastas mais idosos, que já tinham um pouco de habilidade e esses meninos. E aí eu comecei a treinar esses meninos, mas sem material. Treinava o solo com um colchão, onde tinha uns correndo de um lado para o outro para fazer uma série, mas já participando de competições. Os exercícios acrobáticos, mais solo e salto, e o salto era realizado em uma mesa de bar, que tinha lá no Cruzeiro, tinha uma mesa de bar e os saltos eram feitos em cima dessa mesa. [emoção] (Ivany, Testemunho, 2010)

Mesmo treinando nesse ambiente improvisado, visavam à participação em Campeonatos Brasileiros. Pensando em melhorias para essas condições de treinamento, fundaram o GRUGIM, inicialmente no bairro Carlos Prates, depois transferido para o bairro Cidade Jardim. Essa academia desenvolveu tanto a Ginástica Olímpica quanto a Ginástica Rítmica, tornando-se uma das principais equipes competitivas de nosso estado na década de 70. Ali foram montados todos os aparelhos de Ginástica Olímpica, algo extremamente difícil em Minas no início dessa década. Esse movimento proporcionou aos ginastas uma considerável evolução técnica, tornando-se, dessa forma, um ambiente interessante para ginastas de outros centros, pois alguns atletas nunca tiveram contato com todos os aparelhos de ginástica. Além dos aparelhos todos montados, tinham um tablado montado com tatames de Judô, proporcionando séries mais elaboradas de solo, bem como mais segurança nos treinamentos e conseqüentemente uma evolução mais consistente. Fizeram parte desse processo, ginastas importantes como Sílvio Soares dos Santos, Ivana Montandon Soares, Dulce Fulgêncio, Eduardo Moreira, Mário Pardini, Adriana, Selma, dentre outros. Todos se transferiram para o GRUGIM, juntando-se a outros não menos importantes, tais como, José

Antônio, *Batata*, Agilmar, *Pezinho*, Gilberto, Marli, Jane, todos ginastas de destaque tanto estadual quanto nacional. A equipe permaneceu obtendo bons resultados até o ano de 1977, quando aconteceu sua extinção e transferência dos ginastas para o Minas Tênis Clube, depois de passagem rápida pelo Colégio Anchieta.

Ô Vinicius, eu poderia dizer para você que Minas foi a grande surpresa da ginástica no Brasil, em todos os tempos. [emoção] Ninguém esperava que em um período de quatro ou cinco anos Minas começasse a despontar num crescendo. Eu digo que lamentavelmente não só o GRUGIM encerrou as suas portas por motivo da nossa viagem, mas a JUGIBAL também, que fazia um bom trabalho, o Municipal também, que fazia um bom trabalho [...] (Ivany, Testemunho, 2010)

No Minas Tênis Clube a ginástica foi reimplantada (1976) pelo professor Mário Pardini, que após treinar ginástica no GRUGIM e formar-se em Educação Física, iniciou sua caminhada como treinador, posto no qual se tornou respeitado no estado e país. No começo dos trabalhos não havia muita estrutura de trabalho nem material, nem de espaço para a prática, que acontecia, apesar da falta de todos os aparelhos oficiais. Nessa época, o professor Mário convidou o professor Eduardo Moreira para auxiliá-lo nas aulas de Ginástica no clube. Pouco depois do início dos trabalhos no Minas, ao saber da ida dos professores Ivany e Theresinha para a Alemanha, o professor Mário conseguiu do clube, através da aprovação de um projeto, a montagem de um ginásio de treinamento com toda a infraestrutura apropriada para a prática da Ginástica de competição, com toda a aparelhagem oficial, bem como fosso de espuma para saídas e treinamento de acrobacias mais difíceis.

O professor Mário era o coordenador da ginástica e técnico e eu era o técnico das equipes junto com ele. Logo depois, construíram um ginásio e formaram toda uma estrutura adequada para o esporte e eu fiquei no Minas até 2009, durante quase 32 anos eu fui técnico e coordenador da ginástica no clube, com o falecimento do Mário eu passei a ser coordenador do setor e deixei a carreira de técnico. (Eduardo, Testemunho, 2011)

Esse ambiente foi propício para a continuidade dos treinamentos do grupo de ginastas do GRUGIM, que se viu, repentinamente, desprovido de local para treinamentos e sem treinadores. Essa situação possibilitou aos atletas a continuidade de suas atividades, em um centro de treinamento com toda a infraestrutura necessária para seu desenvolvimento. Dessa forma, toda a equipe de ginastas do GRUGIM se transferiu para o Minas Tênis Clube. A

eles se somaram, em 1980, ginastas oriundos do Rio Grande do Sul (da Sogipa), Hélio Sampaio (do Colégio Municipal), Ivan Fernandes Ribeiro (do Colégio Anchieta), formando a principal equipe masculina de Ginástica Olímpica da década de 80, com quase todos integrando as seleções brasileiras na modalidade. A parceria dos professores Mário Pardini e do professor Eduardo Moreira no comando do esporte no clube, perdurou até o falecimento do professor Mário Pardini. O professor Eduardo continuou à frente da Ginástica desse clube até o final 2009. Atuou no Minas Tênis Clube, além dos professores Mário e Eduardo, o técnico Klayler Mourthé.

No Colégio Municipal de Belo Horizonte (bairro da Lagoinha) o professor Edson Pisani foi o grande incentivador do treinamento sistematizado de Ginástica. Todavia, antes dele, o professor Lúcio Espírito Santo desenvolvia um trabalho com acrobacias de solo e salto, além de pirâmides. O professor Edson Pisani iniciou a Ginástica no Colégio em meados da década de 60, inicialmente com solo, salto e trave. No início da década de 70 a Prefeitura de Belo Horizonte forneceu ao colégio toda a aparelhagem de Ginástica. Nessa mesma época, após formar-se em Educação Física, a professora Maria Glúcia Costa assumiu, juntamente com o professor Edson, as equipes femininas do colégio, dando continuidade a um trabalho que visava a competições. Essa equipe foi, durante toda a década de 70, uma das principais de nosso estado, formando um campeão sul americano individual de Ginástica Olímpica, Hélio Sampaio Araújo, o que veio a ser um fato surpreendente, pois ele conquistou tal título sendo treinado somente no colégio.

Da mesma forma como existiam treinamentos de Ginástica Olímpica, a escola tinha nessa época também um trabalho de Ginástica Rítmica, com a professora Marluce, com o foco inicial não tanto nas competições, mas nos desfiles dos Jogos da Primavera, do *Sete de Setembro* e em demonstrações, transformando-se posteriormente em uma das principais equipes dessa modalidade em nosso estado. Depois com a participação e direção da professora Elizabeth Rosseti, (Betinha), na década de 80. Passaram por esse espaço diversos sujeitos, que tiveram uma parcela importante na evolução da Ginástica em nosso estado: Flávio Eustáquio Catete Tamietti, Aurimar Costa de Faria, Juarez Machado, Paulo Henrique Moraleida Gripp, Marcus Vinicius Bonfim Ambrosio, Marilda Arantes, Andremara Costa de Faria, Márcia Maria Conceição de Souza, Patrícia Magalhães Queiroga, Rosa a *Rosinha*^j, Rosângela, Edilson, Paulo o *Aiata*, entre tantos, que se destacaram tanto em nosso estado, quanto compondo seleções mineiras e brasileiras do esporte.

A JUGIBAL, (Judô, Ginástica e Ballet) academia fundada pela professora Maira Durães, após uma passagem como ginasta e técnica pelo Colégio Anchieta. No caso da Ginástica, tinha toda a aparelhagem de Ginástica Olímpica, com uma boa infraestrutura de treinamento dessa modalidade, possibilitando aos ginastas uma evolução tranquila, pois todos os aparelhos estavam à disposição e montados, inclusive com um tablado montado com tatames de Judô. Formou ginastas importantes, sendo a principal delas Katya Mourthé, que disputava hegemonia em nosso estado com Ivana Montandon do GRUGIM. Formou ginastas importantes em nosso estado, como as irmãs Triginelli, (Carla, Jussara e Jaqueline), filhas de Benedito Triginelli, pessoa atuante na Ginástica mineira, assumindo inclusive, diversas funções na FMG. Outros ginastas de destaque que treinaram nesse centro foram Carlos Alberto Alcântara, Paulo Roberto Bassoli, Rômmel e Dalmo, ginastas também do Colégio Anchieta, bem como Maria José Machado, Denise Castro, Simone Guimarães, Cláudia Guimarães, Elizethe de Almeida, entre outros.

O CEFET, citado anteriormente como uma equipe que não atingiu a mesma performance das demais equipes, formou também ginastas importantes. O principal deles foi Júlio, que integrou seleções mineiras e conquistou bons resultados no âmbito estadual. Tal colégio tinha uma sala específica para treinamento de Ginástica, algo raro para a época, com aparelhagem montada possibilitando um bom desenvolvimento no esporte.

Tal qual o CEFET, tivemos o Colégio Tiradentes e o Colégio Militar, que também formaram equipes representativas de qualidade em Ginástica Olímpica na década de 70, mas sem conseguir resultados expressivos.

A partir das lembranças foi possível perceber a grande ênfase dada nas possibilidades que a prática da Ginástica ofereceu na formação pessoal dos praticantes. Segundo eles os conhecimentos adquiridos extrapolaram os aspectos relacionados à técnica da Ginástica ajudando também na formação do cidadão.

O professor Edson Pisani também, como professor na escola, como companheiro, como amigo [pausa]. Todos na ginástica, eu acho que a ginástica tem essa qualidade, sabe, de unir pessoas, fazer amizades, agregar pessoas, não sei se pela própria dificuldade da ginástica, pelas dificuldades serem as mesmas para todos, fiz bons amigos na ginástica, que são meus amigos até hoje.[...] Porque o importante é você formar a criança, trabalhar com ela, dar bons princípios, boa educação e ter a satisfação de que depois de tantos anos de trabalho você formou um profissional em qualquer área dentro dos melhores critérios do cidadão.[...]Hoje o técnico é técnico! Extremamente técnico, pensa na evolução somente do resultado esportivo, na minha época e anterior a ela, ele era muito mais um educador, um

professor, um guru, do que um simplesmente técnico. (Eduardo, Testemunho, 2011).

Segundo relatos dos colaboradores a grande maioria dos atletas de ginástica das décadas de 60 e 70 era oriunda de famílias desfavorecidas. Os técnicos preocupavam-se com seus ginastas nos momentos de treinos, em seu ambiente familiar, principalmente com os estudos deles. Preocupavam no envolvimento das famílias com as questões relativas às equipes, como é o caso citado de Benedito Triginelli.

Deve-se investigar a proporcionalidade de escolas existentes nessa época com a quantidade de escolas que são citadas, pois uma leitura rápida pode resultar em uma conclusão talvez equivocada de que a Ginástica Rítmica e Olímpica estavam presentes nas escolas nesse período. Estavam sim, mas em quatro ou cinco. Mas, como eram nas demais? Nas aulas de Educação Física eram ministradas que tipo de Ginástica?

Um aspecto recorrente em todas as entrevistas era o pouco apoio da mídia à prática da Ginástica. Se comparado a outros esportes, era mínimo. Aparecia pouco nos principais veículos de imprensa da cidade e do estado. Quando aparecia, eram nos grandes eventos, tais como os Jogos da Primavera, promovidos pelo Diário da Tarde, ou quando se formavam as seleções mineiras, representativas do estado nos JEB's ou Campeonatos Brasileiros. Essas percepções são reforçadas pelos poucos artigos de jornais encontrados nas investidas à hemeroteca.

Nossa. Não era nada, nós não tínhamos nada, nada, a única coisa que tinha era o troféu "Melhores do ano", do Diário Associados, onde eles davam o prêmio por modalidade, mas fora isso, não tinha incentivo de nada, era sempre futebol e mais nada, nem vôlei que hoje é tão falado, nada, nada, nada, o handebol tinha um pouquinho, porque na Seleção Brasileira havia muitos atletas de Minas Gerais por isso tinha um pouco mais, mas a ginástica mesmo, era muito pouco a não ser quando nós íamos e ganhávamos o Campeonato Brasileiro, nesse momento havia um destaque no Diário de Minas e acabou, era somente aquele e pronto, mais nada. (Katya Mourthé, Testemunho, 2011).

A Diretoria de Esportes aparece nas entrevistas como uma instituição governamental que tentava equilibrar as atenções e os suportes dados à Ginástica na época. Destinado para desenvolver o esporte especializado, tal instituição tinha boa infraestrutura de médicos, fisioterapeutas e alojamentos. Tal situação ajudava a organização das seleções representativas do estado em época de competições nacionais, pois os exames médicos e distribuição de material de competição eram feitos também no prédio da Diretoria de

Esportes. No mais era percebida uma valorização maior para alguns esportes, no que diz respeito à mídia, patrocínios e repasse de verbas, que beneficiava mais esportes como voleibol, basquetebol, natação e futebol de salão.

[...] principalmente em um esporte que não está na mídia todo dia. Porque quais são os clubes que hoje abrem as portas com um suporte financeiro? São os clubes que buscaram na mídia aquele esporte. Quais são eles? O voleibol tem um suporte, pelo menos melhor, a natação, o atletismo um pouquinho e o basquete também um pouquinho. Qual é o outro esporte que um clube de renome, ou um clube que pode manter uma equipe de alto nível, apóia? (Maria Inês Machado, Testemunho, 2011)

Outro fato marcante que demonstra a intervenção da área governamental na Ginástica era o fornecimento de transporte, de alimentação para toda a delegação, alojamento de qualidade e uniformes de competição, uniformes de passeio, uniformes de desfile, informativo para todos os integrantes da delegação, dentre outras coisas, quando da realização dos Jogos Escolares Brasileiros. Cabe aqui uma problematização sobre as ausências dos os alunos e alunas que não eram selecionadas para participar desses torneios. Ou seja, entender por que tais aspectos não são rememorados pelos colaboradores? Existia alguma preocupação com esses alunos?

Considerações Finais - Ginástica

Nesta tentativa de apresentar memórias sobre esse esporte em nosso estado, vislumbrando um horizonte de perspectivas de investigações mais aprofundadas, este estudo nos indica diversos sujeitos e locais de prática da Ginástica que precisam ser investigados. O universo de pessoas e centros que fizeram parte da construção das diferentes modalidades de ginásticas em nosso estado, e que não foram contemplados neste estudo, revela a necessidade de continuação desta investida.

Nos relatos percebemos que há fortes indícios de trabalhos sistematizados em diversas cidades do interior de nosso estado, tais como Sete Lagoas, Lavras, Viçosa, Ubá, Uberlândia, Ouro Preto, Uberlândia, Uberaba, dentre outras.

Outra característica presente nas décadas de 60 e 70, observada nesta investigação e que carece de estudos mais detalhados, diz respeito à política governamental que, à época,

favorecia o desenvolvimento de práticas esportivas nas escolas, capitaneada pelos projetos que remuneraram professores que conduziam atividades fora da aula de EF. Os professores, principalmente de escolas públicas, eram incentivados a participar desses projetos, proporcionando o surgimento de equipes representativas de diversas modalidades esportivas nesses projetos. Tal movimento permitiu um maior acesso de pessoas à Ginástica e também a outros esportes (menos conhecidos do grande público e com pouco apelo de mídia), tais como, o Handebol e o Atletismo, contribuindo para a divulgação deles.

Especula-se que havia um notório empenho no sentido da organização de eventos escolares de grande porte que dessem sentido a esses treinamentos, promovendo competições entre escolas no município, no estado e no país. O melhor exemplo dessas iniciativas são os JEB's, que se tornaram veículos de divulgação desses esportes menos conhecidos e praticados, como a Ginástica.

4.3 Futebol de Salão

4.3.1 - Professor Coordenador: Joélcio Fernandes Pinto

4.3.2 - Bolsista de IC: Alessandro dos Santos Costa

4.3.3 - Entrevistas realizadas e datas

Nomes	Ocupação	Nascimento	Data da entrevista
Airton Ribeiro de Mendonça (Rupiado)	Psiquiatra	20/08/1937	05/12/2010
Jackson João Bosco Moreira dos Santos	Comerciante	16/11/1956	28/09/2010
José Silvério Ayres Lage	Empresário	16/09/1937	18/11/2010
Luciano Jacques Ramos Dias	Eng. Elétrico	10/07/1937	16/12/2010
Niactor Andrade Pinto Neto	Autônomo	18/04/1952	03/02/2011
Paulo Martins S. Fernandes Bonfim,	Advogado	20/02/1957	14/10/2010

Paulo César Seabra Gomes	Engenheiro	02/04/1955	20/10/2010
Roberto Hermont Arantes	Aposentado	29/08/1946	01/02/2011

Produção textual

Alguns apontamentos das Memórias do Futebol de Salão na capital mineira

Nesta pesquisa foram encontradas algumas informações ditas “oficiais”. As visitas à hemeroteca e nas próprias entrevistas foram encontrados muitos recortes de jornais noticiando jogos e eventos esportivos de Futebol de Salão na capital mineira. Os sujeitos foram localizados a partir de uma lista (anexo III) de praticantes (atletas) fornecida pela Federação Mineira de Futsal (FMFS). Dessa forma, os participantes desta pesquisa foram todos atletas de clubes da sociedade belo horizontina, tais como, Olympico, Arsenal, Recreativo, Atlético, Sparta, Minas Tênis Clube, Orion, Mackenzie, Cruzeiro, Maracae, América, Itacolomi, Vila Rica, Sete de Setembro, Oásis Clube, Rio Castro, Comercial entre outros não lembrados pelos entrevistados.

Os colaboradores desta versão da pesquisa foram: **Jackson João Bosco Moreira dos Santos** nascido em 16/11/1956 defendeu o Cruzeiro, Olympico, o Atlético, Seleção mineira e brasileira. Praticou o futebol de salão por 17 anos. Foi entrevistado no dia 28 de setembro de 2010, **Paulo Martins Soares Fernandes Bonfim**, nascido em 20/02/1957 defendeu o Olympico Clube, Atlético Mineiro, Seleção mineira e brasileira. Esteve presente nas quadras por 18 anos. Foi entrevistado no dia 14 de outubro de 2010, **Paulo César Seabra Gomes**, nascido em 02/04/1955 defendeu o Olympico, Seleção Mineira e Seleção Universitária. Dedicou 18 anos de sua vida ao futebol de salão sendo sete desses como técnico do Olympico. Foi entrevistado no dia 20 de outubro de 2010, **José Silvério Ayres Lage**, nascido em 16/09/1937 defendeu o Senta Pua (Itacolomi), jogou futebol de salão por seis anos. Foi entrevistado no dia 18 de novembro de 2010, **Airton Ribeiro de Mendonça** (o Rupiado), nascido em 20/08/1937 defendeu o Cruzeiro, Mackenzie e o Olympico. Jogou futebol de salão por seis anos. Foi entrevistado no dia cinco de dezembro de 2010, **Luciano Jacques Ramos Dias**, nascido em 10/07/1937 defendeu o Senta Pua (Itacolomi). Disputou futebol de salão por três anos. Foi entrevistado no dia 16 de dezembro de 2010, **Roberto Hermont**

Arantes, nascido em 29/08/1946 defendeu o América, Clube Recreativo Mineiro (Clube dos Viajantes) e Atlético. Jogou futebol de salão durante 14 anos. Foi entrevistado no dia primeiro de fevereiro de 2011, **Niactor Andrade Pinto Neto**, nascido em 18/04/1952 defendeu o Arsenal, Atlético, Olympico, Esparta e Corinthians. Jogou o futebol de salão durante 21 anos. Foi entrevistado no dia três de fevereiro de 2011.

Apesar dos entrevistados serem todos ex-atletas de Futebol de Salão, foi possível perceber a diversidade de aspectos rememorados. Em outras palavras, não foi difícil perceber como que para cada um desses personagens a prática esportiva teve e tem sentidos e significados diferentes, e conseqüentemente, impactando suas vidas profissionais e particulares, também de forma muito diferenciada. E essa diversidade é presente mesmo para aqueles atletas que jogaram, perderam, ganharam e brigaram juntos nos mesmos clubes. É claro que aparecem também aspectos incomuns, mas a diversidade dos relatos é algo marcante.

Um dado que merece destaque é que nenhum dos ex-atletas entrevistados seguiu uma carreira profissional ligada à prática esportiva, como professor de Educação Física, Técnico esportivo, ou áreas afins. Seguiram carreiras na área do Direito, da Engenharia, dentre outros, porém a prática esportiva sempre esteve presente ao longo de suas vidas.

Segundo as memórias dos colaboradores o Futebol de salão nasce no Brasil, mas foi em Montevideu, no Uruguai, que as regras foram sistematizadas e na oportunidade vieram pessoas desse país e divulgaram o esporte no Brasil. Nas entrevistas eles não se lembraram muito bem de datas. Uns comentam que foi por volta de 1950 e outros falam em 1940. Todavia, a ACM aparece de maneira bem recorrente em todos os relatos. Tal instituição se apresenta como a responsável pela introdução e divulgação do esporte em Minas Gerais. Em suas memórias o ex-atleta Paulo Bonfim relata que:

[...] haviam duas versões, uma de que foi inventado no Uruguai, outra que foi inventado no Brasil, os detalhes de como foi inventado eu não me lembro, uns falavam que foi na ACM, Associação Cristã de Moços, que tinha em Belo Horizonte eu sei que as duas que tinham não existem mais, pegaram uma quadra de basquete, colocaram duas traves e começaram a jogar, tem até o nome de quem [...] Mas eu não me recordo corretamente. (Paulo Bonfim, Testemunho, 2010).

Já o ex-jogador Luciano rememora assim:

Surgiu aqui, acho que no Brasil, vindo do Uruguai a modalidade de futebol de salão, e lá próximo da gente tinha a ACM. Em 1950 por aí, e que veio o pessoal do Uruguai lá

da associação, com as regras do futebol de salão e eles divulgaram. (Luciano, Testemunho, 2010).

Essa questão de tentar perceber a paternidade de tal modalidade esportiva tem a ver com as discordâncias encontradas em alguns trabalhos¹⁵ sobre Futebol de Salão que fazem incursões superficiais na história desse esporte, produzindo textos sínteses que por vezes mais atrapalham do que ajudam. Por isso existem duas versões para o nascimento do Futebol de salão. Uma dá conta de que foi no Uruguai, na década de 30, em virtude do crescimento vertiginoso de praticantes de Futebol de campo e a pouca quantidade de campos de Futebol. E a outra fala de que foi na ACM de São Paulo, na década de 40, onde vários garotos jogavam futebol na quadra de basquete, a título de recreação. Todavia, esses textos não fazem menção a nenhum tipo de fonte e não se apresentam como um trabalho de história.

Para os colaboradores essa questão não está clara. Uma especulação possível é que o Futebol de salão pode ter nascido em ambos os países (Uruguai e Brasil), simultaneamente, pois a prática do Futebol de campo crescia de maneira acelerada. Mas os campos de futebol não acompanharam tal crescimento, ao contrário eles enfrentavam ameaças constantes do processo de urbanização, por qual passavam os centros urbanos nas décadas de 40 e 50. Todavia, existem fortes indícios (livros de regras¹⁶, cursos de treinamento profissional, etc.) de que foram os uruguaios que iniciaram o processo de sistematização das regras e de competições. E foram os brasileiros que deram continuidade a esse processo. Para se ter uma idéia, o ano de inauguração da primeira federação de Futebol de salão, aqui no Brasil foi 1954, enquanto que as primeiras regras de Futebol de salão, que estão em espanhol, data dos anos 40.

Para muitos dos entrevistados, em seu início, tal esporte teve uma adesão muito rápida, pois a capital mineira vivia (1950) um processo acelerado de urbanização, o que resultou em uma diminuição dos campos de futebol. Foi por esse motivo que muitos praticantes de Futebol de salão eram também praticantes de Futebol. Nesse aspecto é necessário destacar também

¹⁵ Cf. ANDRADE JÚNIOR, José Roulien. **O jogo de futsal: técnico e tático**. Pinhais: Expoente, 1999. DACOSTA, Lamartine Pereira. **Atlas do esporte no Brasil**: Atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005. FERREIRA, Ricardo Lucena. **Futsal e a iniciação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, c1994. SAAD, Michél. **Futsal: iniciação, técnica, tática**: sugestões para organizar a sua equipe: incluindo as novas regras e mais 40 jogadas ensaiadas/ 2. ed. Santa Maria: Michél Saad, c2000.

¹⁶ Cf. GRAY, Roger. **Football de Salão**. In: REVISTA de Educação Physica. Rio de Janeiro. n.06, 1936. REVISTA de Educação Física. **Regras de futebol de salão**. Rio de Janeiro, ano XXIV, n. 82, abr. 1956.

que muitos relataram que além do Futebol de salão, praticavam também o vôlei e o futebol de campo, como José Silvério que relata que sua maior realização foi com o vôlei após parar de jogar o futebol de salão.

Na realidade apesar de eu ter marcas esportivas no futebol de salão muito interessantes, ter feito muitos amigos nessa área, todos estão vivos, eu encontro ainda e tudo mais. Apesar disso o futebol de salão para mim foi o terceiro esporte, eu gostava mais de futebol de campo, mas a minha realização maior foi com o voleibol. (José Silvério, testemunho, 2010).

Para Niactor a vivência esportiva também se deu na escola, onde teve a oportunidade de conhecer outras modalidades esportivas nas aulas de Educação Física.

O Colégio Batista, eu também com 13 anos lá, aí tinha um time de futsal, um de vôlei, um de basquete e um time de futebol de campo, eu participava do futsal e do futebol de campo, e eventualmente eu fui até levantador do vôlei por que pelo tamanho, não é, 1,68 naquela época era possível, então eu participava, mas o meu carro chefe era o futsal e o futebol de campo, mas aí eu fui mais voltando para o futsal. (Niactor, testemunho, 2010)

Todavia, aparece nos relatos desses colaboradores outro aspecto que influenciou esse processo de rápida adesão, que é a simpatia com que os pais receberam a notícia da troca da prática de Futebol de campo pelo Futebol de salão. Segundo relatos, os pais viam no meio futebolístico um ambiente pouco adequado para os seus filhos. Assim, esses pais passam a incentivar a prática desse recém criado esporte nos clubes sociais. Curioso notar que muitos clubes sociais de BH têm sua origem nesse mesmo período (décadas de 40 e 50). A grande popularidade da prática do Futebol de salão nos clubes sociais da região sul de Belo Horizonte, nos anos subseqüentes à criação da FMFS é também um dado recorrente nas entrevistas. Os ex-atletas enfatizaram que seus nomes e imagens eram vinculados em jornais da época (vide figura 1), o que lhes proporcionavam certa notoriedade e destaque. Os jogos eram realizados com grande número de espectadores/as e era necessário comprar ingressos para ver tais jogos. Nas décadas de 50 e 60 (séc. XX) os campeonatos envolviam 18, 19 ou até 20 equipes.

Percebe-se pelas falas que era grande a rivalidade entre os clubes da zona sul, principalmente depois das cinco conquistas anuais e consecutivas do campeonato metropolitano por parte do Olympico clube (de 1958 a 1962). Segundo os entrevistados, o Olympico, por ter excelentes jogadores e possuir uma sequência de títulos nessa época, era

um time que todos os outros queriam ganhar, o que tornava os campeonatos mais disputados devido a essas rivalidades. Todavia, eles relatam que a rivalidade não se reverberava em situações de agressividade física. Eram jogos disputados, porém com muito respeito entre os jogadores. Dados que necessitam serem contrastados com os jornais da época, pois alguns noticiam alguns desentendimentos e brigas.

Quando questionados sobre os jogadores que mais se destacavam nesse período, o nome que todos citaram foi o do jogador Airton, conhecido popularmente com o apelido de Rupiado, por causa de seu cabelo arrepiado. Hoje Doutor em psiquiatria.

Eu vou falar, eu considero na minha época o melhor jogador de futebol de salão. Primeiro o melhor time, o que foi campeão mais vezes, o Olympico Clube um time muito bom e tinha um jogador especialmente lá no Olympico chama-se Airton, que hoje é psiquiatra, conhecido como Airton, o rupiado, que era um fenômeno porque além de ser um grande atacante, ele era muito raçudo, muito capitão de time, levava o time as vitórias com garra com vontade, liderando mesmo e marcava muito bem o Airton, jogou em todas as seleções mineiras e foi o melhor jogador daquela época na minha opinião. (José Silvério, testemunho, 2010).

Tinha um time muito bom que era na serra, o Olympico, tinha um dos melhores jogadores de futebol de salão, chamava rupiado. (Luciano, testemunho, 2010).

As condições amadoras para a prática de tal esporte aparecem também com bastante ênfase. Em comparação às condições atuais os relatos enfatizam uma grande diferença. Segundo eles todos tinham que cuidar de seus calçados esportivos, não recebiam para jogar, jogavam por amor ao esporte, alguns levavam os uniformes para lavar em suas casas, dentre outros comportamentos. Muitos analisam que o nível técnico do Futebol de Salão caiu em função disso, ou seja, os jogadores têm boas condições, mas não tem amor pelo esporte, jogam para ganhar dinheiro, para se darem bem na vida.

É, o que eu vejo no esporte em geral de hoje, é que hoje existe profissionalismo muito intenso com muitos valores de ganho para os jogadores. Muito bem, então eu fico pensando, hoje um cara que ganha 300, 500 mil reais por mês, ou por semana, ele vai por o pé dele na bola para quebrar o pé dele? Acho que não, não. Antigamente o quê que era? Mesmo os times profissionais, os jogadores se cotizavam para pagar um trem de ferro para ir para o Rio ou um ônibus para ir para Juiz de fora para jogar bola, e o material era deles. (Luciano, testemunho, 2010).

Hoje a gente sabe que houve uma semi-profissionalização, mas na época não, era amador mesmo, então os treinamentos não eram rigorosos os treinamentos não eram de forma mais incisiva não, era mais de coração as pessoas, os meninos, a turma ia

jogar de forma mais a vontade mais solta ai nós tínhamos um futebol mais bonito, um futebol mais bonito, mas na parte física sempre deixava a desejar. (Roberto, testemunho, 2010).

Naquele tempo era uma dificuldade, ninguém recebia nada, eu fui ganhar meu primeiro par de tênis para não ter que comprar quando cheguei na equipe principal, eu ganhei dois pares de tênis, até para jogar eu tinha que levar meu par de tênis, hoje o cara ganha o par de tênis, mais não sei o que e não tem time para jogar. (Jackson, testemunho, 2010)

Considerando a assertiva de tais memórias, percebe-se um contraste interessante, pois a profissionalização de qualquer prática tem como princípio a melhoria técnica desta, mas pelos relatos não foi bem isso que aconteceu. Essas memórias trazem para o centro da conversa uma discussão sociológica sobre a prática esportiva como um pequeno modelo de uma sociedade mais ampla. Tema já ensaiado por Nobeit Elias (1997), mas que carece de mais estudos, principalmente quando se fala da realidade brasileira.

Nos relatos acima aparecem também competições entre seleções estaduais, algo muito freqüente na época segundo as memórias desses praticantes. Em tais memórias é possível perceber um grande orgulho ao mencionar que havia sido selecionado para fazer parte da equipe mineira e participar de torneios interestaduais. Quando questionados sobre quem financiava tais viagens muitos afirmaram que era a Federação Mineira de Futebol de Salão e que eram torneios disputadíssimos e por isso, muito famosos. Tais informações são confirmadas pelos artigos de jornais da época (figura 2) que traziam notícias dos jogos.

As mulheres estão ausentes dos relatos da prática do Futebol de Salão nesse período e quando aparecem são retratadas como torcedoras que frequentavam os ginásios somente para torcer pelos rapazes.

Apesar de relatarem que em algumas escolas, uma vez ou outra, vivenciou-se a prática do esporte, a vivência prática do Futebol de Salão não se deu na escola e sim nas quadras de clubes sociais.

Então futsal passou a ser uma oportunidade por que tinha em vários lugares a quadra pequena, ela favorece, ela tem em vários lugares, então todos os clubes, o SESC, os clubes, não é, Floresta, todos os locais tem uma quadra que você pode jogar a noite com iluminação. (Niactor, testemunho, 2010).

Era mais as turmas de bairros que se encontravam e formava o time, formava os blocos caricatos, então você participava desses blocos caricatos do mesmo time, da mesma forma nesses bairros não é, o Anchieta, Floresta, Carmo, como é que chama?

Os bocas Brancas, essas coisas, os blocos caricatos, e ao mesmo tempo era o futebol de salão que oferecia essa oportunidade, para que as turmas fizessem essas equipes, desde que tivessem o apoio de algum clube e os clubes da capital souberam dar essa resposta e realmente haviam alguns campeonatos aqui que eram muito, muito concorridos[risos]. (Roberto, testemunho, 2010).

Eu iniciei no futebol de salão aos 12 anos no campeonato interno no grupo. Daí foi feita uma peneira com vários garotos ainda numa faixa até 14 anos, onde foi feita a seleção. A partir daí começamos a participar já da equipe Olympico infantil, pré-mirim, infanto-juvenil. O Olympico teve uma fase muito boa onde aconteceram vários eventos não só internamente, como no interior. Com isso o time do Olympico foi pegando muita bagagem e foi um clube privilegiado, com a geração que realmente jogava por amor ao esporte. Dali surgiram craques como Paulinho Bonfim, Jackson, Decinho, Valmir, Toninho Inhotim, Cláudio Melo, Rômulo Mesquita. E por aí nós fomos pegando seleção mineira, alguns chegaram à seleção brasileira e na época o futebol de salão era puramente amador. Com o tempo, nós fomos chegando aos 16, 17 anos, nós fomos começando a ser procurados pelos colégios, Pitágoras, Promove, para que a gente pudesse também participar nos colégios, dos campeonatos inter-colegiais. (Paulo Cesar, testemunho, 2010).

Poucos relataram alguma vivência nas ruas. Conforme as memórias de nossos colaboradores o ensino do Futebol de salão, nas décadas de 50 e 60, acontecia em instituições informais, ou seja, nos clubes e era organizado com pouca complexidade. As aprendizagens se davam na relação de um jogador com o outro no momento dos jogos, ou seja, de maneira muito informal, porém muito produtiva. Os ex-atletas ressaltam que os treinos eram jogos de lazer orientados por um “técnico”, que não passava de um árbitro que apitava segundo as regras oficiais. Quando muito, esses “professores” transmitiam orientações básicas de posicionamento e para diminuir ou aumentar o ritmo de jogo, conforme a condição física dos jogadores. Alguns jogadores que permaneceram jogando até a década de 70 relatam que não gostaram quando os técnicos começaram a serem substituídos por professores de EF. Segundo eles era muita teoria e pouca prática.

Segundo as memórias desses ex-atletas as condições de infraestrutura e materiais para a prática do Futebol de salão, na década de 40, eram bem simples. Não possuíam bolas em abundância, não existiam calçados próprios e muitas vezes jogavam descalços e com a bola de Futebol de campo. A bola era bem menor e mais pesada do que a de hoje. Algumas regras eram diferentes de bairro para bairro, mas a maioria era igual, como por exemplo: o lateral era batido com as mãos, goleiro não podia sair da área, tinha impedimento e não podia fazer gol dentro da área. Havia também um campeonato em São Paulo onde não

existia o lateral, a bola batia em um banco sueco colocado nas linhas laterais e o “jogo não parava”.

Com a inauguração da Federação Mineira de Futebol de salão (1954) os clubes foram pintando as quadras, “mais bolas apareceram” e as regras foram se uniformizando. Esses dados levam a especular que as várias possibilidades de se jogar o Futebol de salão presentes nesse período, foram relegadas a um plano secundário, em função da representação de que uma dada oficialidade seria benéfica para o crescimento daquele esporte que surgia.

Nas aulas de EF praticamente não existiam aulas com o conteúdo de Futebol de Salão, apesar de jogarem pelos times de seus respectivos colégios e também de praticarem as famosas “peladas de futebol” nas quadras. Tais relatos sugerem que esse esporte foi aparecendo de forma muito tímida nas aulas de EF, ou seja, à medida que ele foi ganhando popularidade ele foi sendo apropriado pelos professores de EF.

As aulas de educação física não eram muito específicas não, tinha vez que, pela quantidade de alunos às vezes era mais no futebol de campo, que tinha todo mundo participando, não era específico futsal igual vôlei e basquete. (Niactor, testemunho, 2010).

A educação Física era um bate bola ou alguma coisa parecida, usava muito o handebol, era aquela troca de bola, ficava uma turma de um lado, uma turma de outro, brincava de queimada, era uma aula de uns 40 minutos onde você tirava o aluno da sala de aula e praticava algum esporte, mais o futebol de salão na realidade era após as aulas, e iniciaram em algumas escolas com as quadras de futebol de salão, então nós nos reuníamos após as aulas nos clubes que tinham ou na própria escola. (Roberto, testemunho, 2010).

Não sei se era meio desconhecido ainda o futebol de salão, o futebol de salão o quê que era, socialmente era no ginásio do Minas Tênis_Clube que dava movimento, e nos bairros Padre Eustáquio, Calafate, que tinha o clube_Esparta, Orion. Lá a vizinhança frequentava o campo, mas a imprensa pouco falava disso, não dava uma divulgação grande não. (Luciano, testemunho, 2010).

Esses testemunhos configuram um corpo representativo de informações que permitem especular que a prática do Futebol de Salão na capital mineira estava, pelo menos em sua fase inicial (décadas de 50 e 60), circunscrita aos jovens do sexo masculino de classes favorecidas de Belo Horizonte. Afirmção que merece uma investigação mais detalhada.

Considerações Finais – Futebol de Salão

A partir das entrevistas realizadas o grupo de pesquisa percebeu que é de fundamental importância trabalhos que investiguem, por exemplo, em que medida a prática de Futebol de Salão foi influenciada por representações sociais que consideravam a prática do Futebol de campo não muito adequada para os filhos dos membros das classes favorecidas da sociedade mineira, nas décadas de 40 e 50 do século XX. Fato que se comprovado, haverá outros argumentos para justificar a popularidade do Futebol de Salão nesse momento histórico, e não somente a questão do processo de urbanização. Além disso, esse indício traz reflexões sobre os muitos fatores que influenciam na prática esportiva e não só o discurso da socialização, da saúde, da urbanização das cidades, mas também os valores presentes no contexto social.

Outro aspecto que merece investigação é sobre o papel da escola na apresentação e no ensino de novas práticas esportivas para os seus alunos. A equipe desta investigação acredita que identificar e problematizar um possível contraste, ou não, entre o ensino desses esportes na escola e o aprendizado em instituições informais podem ajudar a entender a realidade atual do ensino esportivo na escola e quem sabe promover uma ressignificação dos sentidos por ora atribuídos.

Outro tema que salta aos olhos é a transformação que aconteceu nessa prática esportiva em Belo Horizonte. De vinte e cinco times que disputavam os torneios em 1960, 1970 e 1980 agora restam não mais que quatro (dados fornecidos pela FMFS). Conhecer e problematizar as razões de tamanha transformação poderia também resultar em uma possível reestruturação da organização de tal prática.

Mas independente de quaisquer desdobramentos de investigação teórica desta pesquisa, ela por si só, já deu conta de muitos aspectos importantes, como por exemplo, o de identificar e registrar as vozes das pessoas que fizeram parte da história dessa modalidade esportiva. Foi nítida a satisfação que os colaboradores apresentaram quando foram lembrados pelos pesquisadores para relatar suas experiências como atletas. Para muitos a entrevista foi um momento de reconhecimento social e também de percepção particular de como foi importante a vivência esportiva para suas vidas. O que serviu de lição para seus familiares e amigos próximos. Foi possível perceber que a prática esportiva do Futebol de Salão serviu tanto para questões biológicas como também, e talvez principalmente, para

questões sociais, pois, em muitos relatos, são anunciados que os encontros sociais para lembrar o passado esportivo são constantes e ricos.

De qualquer forma acredita-se que a pesquisa contribuiu, sobretudo, para identificar e organizar fontes diversas (orais, fotos, jornais, etc.) sobre a prática desses esportes em Minas Gerais (BH), incentivando, dessa forma, estudos históricos mais aprofundados que possam dar conta de reconstruir o passado esportivo de forma ampliada e crítica. Superando, assim, sínteses históricas fragmentadas que se preocupam mais em relatar as datas de acontecimentos que julgam importantes, como a criação de Federações, clubes, dentre outras instituições. Acredita-se que entender por que, como e para que tais instituições foram criadas é algo também importante. Para tanto, fontes fundamentais são as memórias dos protagonistas e que algumas delas foram identificadas e organizadas por esta pesquisa.

4.4 Tênis de Quadra

4.4.1 - Professora Coordenadora: Maria do Carmo Xavier

4.4.2 - Bolsista de IC: Guilherme Alves Corrêa de Abreu

4.4.3 - Entrevistas realizadas e datas

Nomes	Ocupação	Nascimento	Data da entrevista
André Hoffmann Andrade	Professor de Tênis/Corretor de Imóveis	20/09/1955	11/01/2011
Leda Selmi Dei Gontijo	Artista Plástica	12/03/1915	01/02/2011
Lisete Memberg	Artista Plástica	10/06/1917	31/01/2011
Marcos Quintino dos Santos	Aposentado em Direito	16/04/1941	07/01/2011
Paula Cristina Mafra Rodrigues	Professora de Educação Física	14/10/1961	17/12/2010
Paulo Roberto Wildmann	Administrador de Empresas	15/02/1952	07/12/2010
Rodrigo Octávio Salles Pereira	Administração/Comércio	22/03/1938	23/02/2011
Sagabattin Beck Czagnazaroff Iskender	Pedicure	12/04/1931	08/11/2010

4.4.4 - Produção textual

Alguns apontamentos das Memórias do Tênis de quadra na capital mineira

Em um primeiro momento foi realizada uma revisão bibliográfica na tentativa de encontrar trabalhos publicados que abordassem a memória/história do Tênis em Belo Horizonte. Nessa revisão foram encontrados dois trabalhos que citam um pouco sobre o surgimento do Tênis na capital mineira, ambos escritos pela Dr. Marilita Aparecida Arantes Rodrigues. Em sua dissertação de mestrado Rodrigues realizou o trabalho “Constituição do sentido moderno de esporte: pelas trilhas históricas do Minas Tênis Clube” onde a autora disserta sobre a história do Minas Tênis Clube, porém a autora fala sobre o tênis dentro do clube, não abordando diretamente o tênis na cidade de Belo Horizonte, fora das quadras do Minas Tênis Clube. Já em sua tese de Doutorado, Marilita Rodrigues escreveu o trabalho intitulado “Constituição e enraizamento do esporte na cidade: uma prática de lazer moderna na cultura urbana de Belo Horizonte - 1894-1920”. Em seu Doutorado Rodrigues focaliza a análise da constituição e o enraizamento do esporte como uma forma de lazer na cidade de Belo Horizonte e sua relação na construção da cultura urbana, no período de 1894 a 1920. Sobre o Tênis a autora conta que ele surgiu na cidade com o Club de Sports Hygienicos em 1913:

O tênis (na época lawn tennis) aparece efetivamente em Belo Horizonte somente no ano de 1913, com a criação do Club de Sports Hygienicos, e, posteriormente, com a vinda do colégio Anglo-Mineiro para a capital, em 1914. (RODRIGUES, 2006 p.177).

Outro ponto importante salientado pela autora é o fato de o tênis ter sido a primeira modalidade que as mulheres puderam praticar:

Foi o lawn tennis a primeira prática esportiva na cidade em que os corpos femininos começaram a praticar a modalidade, até mesmo participando de campeonatos. (RODRIGUES, 2006 p.179).

Embora tal pesquisa tenha contribuição para a história do Tênis e para a história de Belo Horizonte o trabalho da Professora Marilita Rodrigues vai apenas até o ano de 1920, não abordando o recorte temporal proposto por esta pesquisa.

A presente pesquisa identificou, durante as visitas à hemeroteca e nas próprias entrevistas, muitos recortes de jornais noticiando jogos e eventos esportivos do Tênis em Belo Horizonte. Também foram encontrados planejamentos de aulas ministradas no período estudado (1950 a 1980). Os sujeitos participantes das entrevistas foram localizados a partir de uma lista (anexo X) de praticantes fornecida pelo Minas Tênis Clube e também através de contatos fornecidos pelos próprios entrevistados. Os colaboradores que participaram da entrevistas foram:

1) **André Hoffman Andrade**, nascido no ano de 1955 na cidade de Belo Horizonte, praticou o tênis desde 1964 e hoje ainda atua dando aulas para iniciantes; 2) **Leda Gontijo**, nascida em 12/03/1915 e praticou o tênis da década de 20 a 1985; 3) **Lisete Memberg**, nascido em 10/06/1917, praticou o tênis entre 1940 e 1962. Atualmente trabalha com artes plásticas; 4) **Marcos Quintino dos Santos**, nascido em 16/04/1941 na cidade de Belo Horizonte, começou a praticar o tênis no ano de 1955 e ainda joga competitivamente; 5) **Paula Cristina Mafra Rodrigues**, nascida em 14/10/1961 na cidade de Belo Horizonte, pratica o tênis desde 1971 e ainda atua como professora da modalidade. Paula é a única entrevistada com o título de bacharel em Educação Física; 6) **Paulo Roberto Wildmann**, nascido em 15/02/1952 em Belo Horizonte, começou a praticar o tênis no ano de 1963 e ainda trabalha como treinador e 7) **Sagabattin Beck Czagnaroff Iskender**, nascido em 12/04/1931 na cidade de Montevideu no Uruguai, começou a prática do Tênis no ano de 1961 e ainda joga casualmente.

Tais participantes foram todos atletas ou jogadores casuais de clubes da sociedade belo horizontina, tais como, Minas Tênis Clube, late Tênis Clube, Pampulha late Clube, Country Clube e Clube Campestre. Embora tenha surgido o nome de diferentes clubes, segundo os relatos dos entrevistados a sociedade tenista de Belo Horizonte se resumia a um pequeno grupo de pessoas o que resultou em pouca diversidade de aspectos rememorados. Segundo as memórias de tais colaboradores os praticantes do tênis dividiam os mesmos espaços em todos os clubes citados, dessa forma, as pessoas que jogavam no Minas Tênis Clube, por exemplo, eram as mesmas que jogavam no Country Clube ou no late Tênis Clube. Esse fato resultou em uma proximidade maior entre esse pequeno grupo de jogadores, como aparece nas lembranças de Leda Gontijo e de Lisete Memberg:

As mesmas pessoas que jogavam em um clube jogavam nos outros, porque é o que eu estou te falando, eram poucos os tenistas, não passava de cem ou duzentos. (Leda Gontijo, Testemunho, 2011).

Lá no tênis tinha uma união enorme na turma, algumas vezes a gente arrumava um jantar ou alguma coisa do tipo, tudo aqui em Minas era muito familiar. (Lisete Memberg, Testemunho, 2011).

Um aspecto interessante identificado foi o fato de que todos os entrevistados se mantiveram ligados à prática esportiva. A Paula Maфра como professora de Educação Física, o Paulo Roberto como técnico esportivo, o Marcus Quintino como jogador competitivo e os demais como jogadores casuais.

Eu sou o tenista em atividade provavelmente mais antigo de Minas Gerais [...] em atividade por competição, pois existem pessoas mais velhas, da minha época também, mas que jogam por lazer, eu não, por competição. (Marcus Quintino, Testemunho, 2011).

Sobre a profissionalização, os praticantes rememoram que a prática do Tênis era completamente amadora, sem salários, sem premiações em dinheiro, sem custeio de material etc. Todos praticavam por gostar de praticar. Não havia interesse em ganhar dinheiro ou premiações.

Segundo as memórias desses praticantes, o Tênis sempre se configurou como um esporte de elite, pois sua prática exigia pagar altas quantias para acontecer. E não era só o material, mas a quadra, o professor etc.

Mas naquele tempo realmente era um esporte um pouco de elite até pelos custos, uma aula de tênis era muito cara, a raquete de tênis era muito cara e a quadra de tênis é um espaço muito grande que praticamente ocupam apenas duas pessoas [...]. (André Andrade, Testemunho, 2011)

Sempre classe A, o tênis sempre foi esporte de elite. (Rodrigo Salles, Testemunho, 2011).

Minha primeira raquete eu comprei de segunda mão, custou 120 mil reis, que era mil reis na época, na verdade [pausa] devia ser muito na época, por que minha tia que trabalhava nos correios e telégrafos na época do Juscelino, ela ganhava 120, quer dizer, foi o preço da raquete usada [...] as pessoas achavam que só gente rica podia jogar tênis. (Lisete Memberg, Testemunho, 2011).

Quando a gente viajava, nós levávamos uma raquete de tênis, por que aquilo era como um cartão que você apresentava, tinha sim, um cartão social que você entrava em qualquer lugar, era um esporte elitista mesmo. (Leda Gontijo, Testemunho, 2011).

Embora tido como um esporte de elite o tênis possui uma pequena brecha para os demais membros da sociedade. Os praticantes lembram que os catadores de bola, conhecido como “Boleiros” eram meninos de classe desfavorecida e que alguns desses conseguiram se destacar por meio do tênis.

São meninos pobres, que moravam na proximidade do clube, se interessavam por trabalhar, a gente pegou eles como boleiros, e ao mesmo tempo aprendiam. O boleiro acaba que aprende muito mais que o próprio aluno, olhando a aula, ganha uma raquete de alguém que não quer a raquete, ganha uma bola, começa a bater no paredão, jogando um com outro e vai se aprimorando, assim foi que consegui quatro professores muito bons. (Sagabatin Beck Czagnaroff, Testemunho, 2010).

Isso, para o grupo de pesquisa, se apresenta como um bom caminho de investigação, ou seja, tentar problematizar em que medida esse procedimento não foi mais uma insistência dos boleiros, do que uma concessão dos jogadores elitizados e se tal comportamento contribuiu ou não para uma maior participação de meninos de classe desfavorecida. Embora nunca tenha sido um esporte muito popular, os praticantes do tênis lembraram que os jogos e torneios eram veiculados em jornais da época (colocar um recorte de jornal da hemeroteca anunciando um torneio de tênis). Essa percepção, porém, não foi compartilhada por todos os entrevistados. Lisete Memberg conta sobre a veiculação de matérias na cabine social dos jornais, assinadas por Eduardo Cury, jornalista da época responsável pela coluna social. Já André Andrade se lembra de forma diferente, citando a veiculação em cabines de esportes:

Meu nome quantas vezes apareceu, ‘a dupla favorita: Lisete Memberg e fulana de tal’, saía sempre no jornal [...] Eduardo Cury, que era jornalista ficou meu amigo por que um dia ele estava com a raquete parado, ele e um amigo, eu olhei para minha amiga e disse para ela: ‘vamos tirar aqueles garotos pra um joguinho coitados, eles estão aí a tarde toda e ninguém joga com eles’, e aí nós chamamos os dois e eles ficaram na maior felicidade. Anos depois ele virou jornalista e vivia me focalizando por que tinha virado meu amigo por causa desse jogo. (Lisete Memberg, Testemunho, 2011)

Na coluna social não, nunca vi, também não sou adepto. Era mais na parte de esporte mesmo, na coluna social a gente tá fora. (André Andrade, Testemunho, 2011)

Sobre os jogadores que se destacavam nesse período, surgiram dois nomes em comum: Carlinhos, (Carlos Freitas) e Pedro Carvalhais. Sobre o talento de Pedro Carvalhais, André Andrade e Beck Czagnaroff lembram:

Quem começou o top spin em minha opinião foi o irmão do neneco, o Pedro Carvalhais que foi o maior jogador de Minas Gerais, ele tinha uma esquerda de duas mãos e batia de baixo para cima, ninguém ensinou isso para ele, ele mesmo pegou. (André Andrade, Testemunho, 2011).

Não havia patrocínio para eles, haviam jogadores, o Pedro Carvalhais, era um, que podia ter sido profissional, muito bom, excelente, mas não houve patrocínio para ele. O Carlinhos que foi professor também do Minas, era excelente jogador, mas não havia patrocínio para ele. (Sagabatin Beck Czagnaroff, Testemunho, 2010).

É, o Carlinhos, eu nunca consegui ganhar daquele baixinho [risos] [...] Era um grande jogador. (Marcus Quintino, Testemunho, 2011).

As condições para se atuar em tal esporte aparecem também com bastante ênfase. Os colaboradores demarcam o significado do uniforme branco como sendo uma forma de respeito ao adversário no sentido de não tirar a atenção. E essa postura era ensinada para eles pelos seus respectivos professores e era veementemente cobrada. Já as raquetes eram de madeira, pesadas e não permitiam fazer o que se faz hoje em dia, como por exemplo, colocar o efeito inverso na bola. As quadras eram somente de saibro, não existiam quadras de cimento ou de grama e existiam em quantidade razoável, todavia eram praticamente as quadras dos clubes da capital. Com exceção da quadra do Parque Municipal e algumas particulares construídas em casas de família de alto poder financeiro.

O Gajetti exigia da gente o branco, não podia colocar nem um cinto de cor [...] Não podia ter nada de cor por que era deselegante você desviar a atenção do adversário. (Lisete Memberg, Testemunho, 2011).

O uniforme era tênis, meia, short e camisas tudo branco. (Marcus Quintino, Testemunho, 2011).

Eu percebo que muda muito em função do material, principalmente das raquetes não é, o tamanho da cabeça. Eu comecei a jogar tênis com uma raquete de madeira, então, praticamente, você pega uma raquete de madeira hoje e tenta fazer o “top spin” nela, a bola não anda. (Paula Mafra, Testemunho, 2010)

As raquetes eram de madeira, de 450 gramas [...] tinha um cabo sete que era enorme entendeu, era outro tênis. A corda, quando arrebentava a corda, não tinha máquina de encordoar, então a maneira de encordoar, você enfiava um finco na raquete para segurar a corda, torcia para esticar, vinha e dava um nó. Era tudo artesanal [...] Bola branca, em uma caixinha de papelão. Sem pressurização. (Paulo Roberto, Testemunho, 2010).

[...] eram todas de saibro, não tinha outro material na época. Depois é que foi aparecendo. (Leda Gontijo, Testemunho, 2011).

No América inicialmente, depois no Atlético, Parque Municipal, e depois que foram para o Minas. (Rodrigo Salles, Testemunho, 2011).

Para a época eram muitas quadras para Belo Horizonte, o PIC tinha [pensando] acho que duas quadras, o late tinha três, o Minas tinha quatro, e eu tinha sete. (Rodrigo Salles, Testemunho, 2011)

Pública tinha a quadra do Parque Municipal, mas era muito tranquilo nos clubes, não tinha problemas. (Paulo Roberto, Testemunho, 2010)

Tinha no Parque Municipal, lá existia uma quadra pública, qualquer pessoa podia chegar lá e jogar, mas era raro ver alguém jogando lá. Era a única quadra pública que tinha, o resto era tudo em clubes ou casas particulares. (Leda Gontijo, Testemunho, 2011)

Não estou lembrando, tinha uma na Rua da Bahia [...] não me lembro o nome dele. (Leda Gontijo, Testemunho, 2011)

Não, tinha tênis apenas, que eu lembro, na Rua Ceará, na casa da Heloisa Marques Lisboa [pausa] eles jogavam tênis sempre. (Lisete Memberg, Testemunho, 2011)

As mulheres estão muito presente nos relatos das práticas do Tênis, embora em número menor que os homens. Elas dividiam os espaços igualmente, tendo seus próprios torneios também organizado pela Federação Mineira de Tênis. Aparece também a prática mista de Tênis, onde homens e mulheres dividiam as quadras harmoniosamente e que não havia nenhum tipo de preconceito. O único preconceito citado por dois entrevistados vinha de outros esportes para o tênis, segundo relatos de pessoas de fora consideravam o tênis um esporte de homossexuais, devido aos seus trajes e suas posições de batidas (golpes):

Não vou dizer que tivesse tanto equiparado a chave masculina, que sempre foi maior que a feminina, mas tinha um grande número de meninas praticando, acho que até mais do que atualmente. (Paula Mafra, Testemunho, 2010)

Fazíamos muita dupla mista, eu gostava muito de jogar dupla mista até porque eu era muito disputada por que meu jogo sempre foi de ataque. Geralmente a mulher que jogava com o homem ficava na retaguarda e o homem é que ficava na frente, mas meu tipo de jogo era diferente. (Leda Gontijo, Testemunho, 2011)

Apesar de que na época era um esporte meio de [pausa] vamos dizer de [pausa] o pessoal achava que era um esporte meio de [dificuldade para falar] de gay, porque a gente jogava todo de branco. (Marcus Quintino, Testemunho, 2011)

Sempre acharam que tênis era um esporte de fresco. Inclusive nas minhas aulas, hoje eu ainda dou aulas, eu costumo falar que o tênis é um esporte que exige muita posição, você tem que fazer certas posições para você bater uma bola bem, então eu costumo usar uma frase nas minhas aulas até hoje, eu falo: 'olha, no meu tempo eles falavam que tênis era esporte de fresco por que era só roupa branca, blusa Lacoste, short jacarezinho e meia branca, todo bonitinho. A esquerda você tinha que bater levantando o pé, fazendo uma pose, então por causa dessa pose eles falavam que era esporte de fresco, então quanto mais pose você fizer melhor por que você faz a coisa mais certo e não precisa se preocupar por que ninguém vai te chamar de viado' Isso eu falo com eles até hoje. (André Andrade, Testemunho, 2011)

Sobre o ensino do Tênis os entrevistados lembram que acontecia apenas dentro dos clubes, com professores contratados pelas instituições e que não havia formação superior para o ensino dessa modalidade esportiva. Tudo que era ensinado foi aprendido jogando. Eram ex-atletas que se tornavam professores. As aulas eram individuais, com um número limitado de bolinhas e baseadas na repetição de movimentos.

Vão rebatendo, são exercícios repetitivos [...] gestos técnicos, a gente treinava golpes específicos: direita, esquerda, saque, voleios, depois tinha uma quadra em que treinávamos somente o saque, saque e devolução. (Paula Mafra, Testemunho, 2011)

As aulas eram individuais, não existiam aulas em grupo naquela época [...] as aulas de tênis eram com seis bolas apenas, não existiam tubos de bolas, era uma caixa com seis bolas e ele colocava as seis bolas na mão e ficava lançando para a gente. Era até melhor, porque não podia errar, se você errasse tinha que ficar catando bolinha, então isso tudo ajudou. (André Andrade, Testemunho, 2011)

As aulas eram com seis bolinhas na mão, professor bolinha branca e aulas de uma hora igualzinho, igualzinho. (Paulo Roberto, Testemunho, 2010)

Nenhum dos entrevistados se lembrou de qualquer relação entre o Tênis e a Educação Física escolar. Ou seja, esse conteúdo não era ministrado nas aulas de Educação Física e muito menos praticado nas escolas.

Sobre a atuação da Federação na época, de forma geral os entrevistados resumiram o papel da federação à organização de torneios, quando questionado sobre a organização de torneios.

Só, a Federação naquela época era praticamente só isso. (André Andrade, Testemunho, 2011)

O mais importante, além do torneio mineiro que a gente promovia, com clubes do interior e tudo mais, organizamos o torneio infanto-juvenil Sul-Americano, que nós organizamos com patrocínio do órgão comércio e indústria, e com apoio do Ronan Tito, que era assessor do Senador Azeredo. (Sagabatin Beck Czagnaroff, Testemunho, 2010)

Muito pouco também, quem sustentava mesmo era o Minas. A gente vivia do que o Minas podia fazer, ele era mais importante do que até a Federação porque a Federação ficava muito apagada, não tinha recurso para dar. (Rodrigo Salles, Testemunho, 2011)

Tais memórias permitiram identificar os meandros de uma prática esportiva elitizada e que se conserva até os dias atuais. O que permite elaborar questões sobre a existência real de interesses em popularizar a prática do tênis ou se por aspectos culturais essa modalidade não foi acolhida pelos mineiros.

Uma boa pista de pesquisa é investigação da participação das mulheres nesse esporte, pois, mesmo sendo uma prática esportiva que permitia a participação feminina, cabe indagar em que medida tal participação não ratificou a supremacia masculina. Problematizar também a questão de ser uma participação de mulheres de classe favorecida, que não tinham as mesmas tarefas que as mulheres de outra classe social.

Outra possibilidade de problematização é sobre o papel da escola na transmissão de práticas esportivas que já faziam parte do cotidiano de uma determinada classe social. Entender por que esses conteúdos estavam fora da escola, uma vez que o ensino deles se aproximava de metodologias próprias do ensino escolar, é algo que permite perceber os critérios de eleição de determinados temas e não de outros.

5 - METODOLOGIA EMPREGADA

Os procedimentos da “história oral” vêm sendo aperfeiçoado e discutido internacionalmente. Existe uma vasta literatura discutindo sobre conceitos, aplicações, cuidados e abusos da História Oral, dentre eles, estão Paul Thompson (1992), Amado e Ferreira (1996), Meihy (1996), Joutard (2000), Thomson (2000), Verena Alberti (2000), Danièle Voldman (2006). Para Paul Thompson (1992) esse método se constitui

interdisciplinar, “um caminho cruzado entre sociólogos, antropólogos, historiadores, estudantes de literatura e cultura”. Todavia, existem aspectos importantes que diferenciam o uso desse método para cada área de investigação. Dessa forma o autor enfatiza que os depoimentos orais constituem importantes estratégias metodológicas para o historiador, pois contribui na construção de sua narrativa, mesmo conhecendo algumas das limitações dessa metodologia. Como por exemplo, a de que tais depoimentos tratam daquilo que os professores/as e alunos/as disseram o que faziam e não do que efetivamente realizavam. Para dar conta desse aspecto lacunar as pesquisas devem promover um cruzamento de fontes de distintas natureza.

Em uma discussão sobre o conceito de tal terminologia Danièle Voldman (2006) entende que se a história oral for pensada enquanto um método, “ela deve ser incluída na história do tempo presente, e se ela serve para designar a parte pelo todo, a expressão deve ser abandonada em prol da história feita com testemunhas”, um termo que pretende distinguir o ofício do historiador com o do sociólogo e também do antropólogo.

Em uma proposição mais metodológica José Carlos Sebe Meihy (1996), conceitua a “história oral” como “um conjunto de procedimentos que vão desde o planejamento do projeto, a definição da colônia, a eleição das redes, o estabelecimento de uma pergunta de corte, a elaboração das entrevistas, a feitura dos textos e a devida guarda, a conferência e a devolução do documento à comunidade que o gerou [...]”. Dessa forma, a presente pesquisa trilhou o caminho sugerido por esse autor e cada equipe de trabalho trilhou tais passos conforme as especificidades dos pesquisadores e das respectivas modalidades. Assim, discutimos e elegemos cinco aspectos essenciais para um bom trabalho de pesquisa. São eles: a colônia de entrevistados, as questões chaves, as entrevistas, o trato delas, a guarda de todo material adquirido com a pesquisa e o retorno aos colaboradores. Passamos agora a uma descrição sumária de cada aspecto ora citado.

A **colônia de entrevistados** foi diferente para cada modalidade esportiva e cada equipe a relacionou em sua produção textual.

As questões realizadas nas entrevistas se primaram pelos seguintes temas: como foi o primeiro contato com a prática esportiva, em que ano aconteceu, onde jogavam, como se locomovia até as competições, quem e como organizavam tais competições, como eram, quais eram as regras, qual o significado de praticar tal modalidade naquela época, o que

mais jogavam, quem foram os principais atletas, árbitros, técnicos e dirigentes do esporte, quais foram as alegrias e as tristezas do processo vivido, quando pararam de treinar, competir, porque pararam, dentre outras que julgamos necessárias no momento da entrevista. Durante as entrevistas tentamos identificar também outros tipos de fontes, indagando aos entrevistados se eles/as guardaram algum tipo de registro do que fizeram, tais como, imagem, planejamento, recortes de jornais, etc.

Em relação **às entrevistas**, todas foram gravadas e a maioria filmada. Não foi possível realizar a filmagem de todas, pois o local de realização escolhido pelos entrevistados inviabilizou tal processo e um colaborador não quis ser gravado. Assim, tentou-se adequar o espaço escolhido às condições de uma boa filmagem (luz, som e tranquilidade). A escolha do local levava em consideração um ambiente que permita ao entrevistado rememorar os acontecimentos de interesse da pesquisa. Assim, a residência particular e/ou o ambiente onde são guardados os pertences particulares foram os locais de preferência. O local foi preparado tendo em vista uma confortável posição para o entrevistado e o entrevistador, bem como, para outros participantes do processo. Antes da realização das entrevistas os entrevistados foram previamente comunicados, em formulário próprio (anexos 1), sobre os propósitos delas e sobre a autorização de divulgação dos dados por eles/as revelados (anexos 2). As entrevistas foram organizadas buscando equilibrar momentos de testemunhos livres em que o entrevistado/a tinha muita liberdade de expressão, com momentos de questões objetivas a respeito de assunto em pauta.

O trato das entrevistas: todas as entrevistas foram transcritas por pessoas que participaram delas. Em virtude do grande número de entrevistas elas foram revisadas em duplas, ou seja, outra pessoa que não participou do processo vai leu e ouviu as entrevistas junto com quem as transcreveu. Tal procedimento serviu para identificar algum vício de leitura que por vezes acontece em casos de longas e variadas transcrições. Foram retirados os vícios de linguagem, visando proporcionar uma leitura mais agradável do texto, sem prejuízo, é óbvio, ao sentido e significado atribuído pelo autor.

A guarda do material construído: todo material produzido e encontrado em virtude das entrevistas realizadas pela pesquisa foi digitalizado para fazer parte de um CD interativo, em que é possível acessar as fontes com certa rapidez. Tanto o material encontrado como o CD produzido será guardado no Centro de Estudos da Educação Física, do Esporte e do Lazer

(CEEEL) do curso de Educação Física, da PUC/Minas e estará à disposição da comunidade em geral.

A **devolução aos colaboradores** aconteceu após a pesquisa finalizada. Cada colaborador recebeu uma cópia impressa de seu testemunho e o CD com todo o material digitalizado.

Para a investigação em questão entende que cada aspecto do passado relatado nas entrevistas corresponde as mais diversas formas que cada colaborador/a deu conta de rememorar suas experiências no passado. Esse movimento de rememoração tem não só a função de reconstruir o passado, mas também de dar sentido a experiência vivida. Não é a toa que todos/as participantes se emocionam e reconhecem o valor do momento da entrevista, das questões realizadas. Esperamos que as análises das memórias produzidas por esta pesquisa tenham como princípios a relação, sempre conflituosa, do individuo com a sociedade da época, sem perder de vista as condições humanas de produção e principalmente entendendo que os aspectos do passado são reconstruídos e transformados pelo presente, bem como o presente é impactado por eles à medida que tentamos reinterpretar o passado. Desta forma, é possível perceber as diversas contradições e tensões vivenciadas pelos personagens da época. Tal pesquisa não se envereda por tal caminho, pois esse não foi o seu propósito.

6 - AVALIAÇÃO (PROCESSUAL, DE RESULTADOS E DE IMPACTO)

A pesquisa foi realizada de forma satisfatória. As etapas de todo o processo aconteceram conforme planejado, porém com alguns atrasos, em virtude da disponibilidade dos colaboradores e também em função das desistências e substituições de alguns bolsistas no percurso da pesquisa. Foram necessários alguns ajustes na redistribuição das funções, por conta da troca de dois bolsistas que não corresponderam às expectativas do trabalho científico. Tais trocas aconteceram amistosamente e sem danos, de qualquer natureza, para ambas as partes. Acreditamos que os bolsistas envolvidos na pesquisa adquiriram significativos conhecimentos sobre o processo de investigação científica em história.

Por se tratar de um primeiro trabalho de investigação desta natureza, ou seja, produção e registro de memórias, encontramos dificuldades na produção dos CDs interativos e por isso a entrega deles acontecerá em um momento posterior à este relatório. Em virtude destas

dificuldades a verba destinada para os custos deste procedimento será devolvida ao Ministério do Esporte, bem como, outras que não foram utilizadas (ver prestação de contas).

Durante todo o processo de investigação os bolsistas tiveram orientações sistemáticas, ora com os coordenadores, ora com os pesquisadores vinculados. Durante esses momentos foi possível debater os diversos conhecimentos históricos produzidos pela pesquisa. Estamos certos de que tais procedimentos qualificaram a formação destes alunos e ampliaram o número de interessados em investigar as histórias do esporte mineiro e por que não, nacional.

A produção das fontes orais e de imagens atende satisfatoriamente, tanto em quantidade, como em qualidade e são fundamentais para a realização de futuras investigações sobre a história do Esporte em Minas Gerais. Elas foram digitalizadas, organizadas por eixo temático e estarão à disposição da comunidade acadêmica em forma escrita (anexo), digitalizada em CD e na Web. Além disso, foi elaborado um guia de fontes (digital) com as imagens recolhidas nas entrevistas, que em sua maioria faz parte dos arquivos particulares que os protagonistas esportivos disponibilizaram. Dessa forma, o resultado físico deste trabalho foi a reunião e organização de fontes documentais em um centro acadêmico.

Os impactos dos resultados da pesquisa são vários. No que toca a especificidade da área, os futuros pesquisadores serão beneficiados, pois este trabalho ameniza o problema da dispersão e, muitas vezes, a ausência das fontes e amplia as possibilidades de investigação histórica. No que se refere à formação científica, este trabalho ampliou e qualificou o corpo docente e discente interessado na pesquisa histórica dos esportes.

Por sua vez, a produção destes materiais e a qualificação da formação docente e discente têm impactos diretos na organização e nos conteúdos das disciplinas esportivas do curso de Educação Física. Acreditamos que os conhecimentos sobre a história das modalidades esportivas aqui investigadas foram ampliados. Estamos certos também que as abordagens históricas serão atualizadas. Ou seja, que os tradicionais relatos de datas e acontecimentos, se transformem em debates críticos que permitam a comunidade acadêmica pensar historicamente os problemas atuais das práticas esportivas.

Por fim, esta pesquisa inaugurou, neste centro acadêmico (PUC - Minas), uma cultura de reconhecimento da investigação, preservação e divulgação da memória do esporte como procedimentos fundamentais para a área e também para sociedade moderna.

7 - ORÇAMENTO DO PROJETO

7.1 Remuneração de serviços pessoais

Itens	Especificação	Função	Quantidade	Jornada Diária	Dias	Total
1	Bolsa de iniciação científica (12 meses x R\$ 320,00)	Bolsista de Iniciação Científica	06	04 horas	20 dias/mês	R\$ 23.040,00
2	Bolsa de apoio técnico (12 meses x R\$ 724,52)	Bolsista de apoio técnico	01	04 horas	20 dias/mês	R\$ 8.694,24
3	Serviço de Consultoria metodologia de trabalho com História Oral (8 horas X R\$ 120,00)	Serviços de Terceiros	01	04 horas	02 dias	R\$ 960,00
4	Serviços de edição audiovisual (05 meses X R\$ 800,00)	Serviços de Terceiros	01	////	////	R\$ 4.000,00
5	Serviços de Catalogação de acervo na Base Pergamum (05 meses X R\$ 1.000,00)	Serviços de Terceiros	01	////	////	R\$ 4.000,00
6	Publicação Impressa de Guia de Fontes Documentais da Memória de Esportes em Minas Gerais	Serviços de Terceiros	01	///	///	R\$ 4.000,00

Sub-Total: R\$ 44.694,24

7.2 Material de Consumo

Especificação	Unidade	Quantidade	Valor Unitário	Valor Total
Papel A4	Pacote 500fls.	06	R\$ 11,99	R\$ 71,94
Canetas	Caixa com 50	04	R\$ 17,00	R\$ 68,00
Pastas Polionda	Unidade	200	R\$ 2,50	R\$ 500,00
Papel Alcalino escritório/fino	Pacote	05	R\$ 14,20	R\$ 71,00
Cartucho HP 96 preto	Unidade	02	R\$ 49,00	R\$ 98,00
Cartucho HP 97 colorido	Unidade	02	R\$ 95,00	R\$ 190,00
Cartucho HP 27 preto	Unidade	02	R\$ 47,00	R\$ 94,00
Cartucho HP 26 colorido	Unidade	02	R\$ 63,00	R\$ 126,00
Cartucho Toner HP Q6000a Preto	Unidade	01	R\$ 220,00	R\$ 220,00
Cartucho Toner HP Q6001a Ciano	Unidade	01	R\$ 242,00	R\$ 242,00
Cartucho Toner HP Q6002a Amarelo	Unidade	01	R\$ 242,00	R\$ 242,00
Cartucho Toner HP Q6003a Magenta	Unidade	01	R\$ 242,00	R\$ 242,00

Sub-Total: R\$ 2.162,94

7.3 Material Permanente

Itens	Especificações	Unidade	Quantidade	Valor Unitário	Valor Total
1	Impressora Laser Jet Colorida LJ2600n USB Ethernet	01	01	R\$ 789,00	R\$ 789,00
2	Computador de Mesa	01	02	R\$ 1.949,00	R\$ 3.898,00
3	Livros	01	31	R\$ 45,00 (valor médio)	R\$ 1.400,00
4	Cartões de memória	02	02	R\$ 87,00	R\$ 174,00
5	Filmadora	01	01	R\$ 800,00	R\$ 800,00
6	Gravador digital	01	01	R\$ 280,00	R\$ 280,00
7	Tripé de filmadora	01	01	R\$ 80,00	R\$ 80,00

Sub-Total: R\$ 7.421,00

10 - CONCLUSÃO

Como já afirmado no início deste relatório, o testemunho oral se apresenta como um campo fértil para análises históricas. Principalmente, quando se trata de modalidades esportivas, em que o registro escrito das práticas, do ensino e da organização é raro. Assim, muitos aspectos tais como: o ensino formal e informal dos esportes, o lugar das instituições de ensino na divulgação de práticas esportivas, as questões metodológicas de ensino, as representações presentes da função social do esporte, dentre tantos outros, podem ser identificados e problematizados com relativa propriedade por esse tipo de fonte.

Nessa iniciativa de produzir e organizar os testemunhos orais de quatro modalidades esportivas foi possível confirmar tal assertiva, ao percebermos os inúmeros caminhos de pesquisas históricas que foram apresentados. A partir desses depoimentos e em contraste com outras fontes (leis, jornais, políticas, etc.) o grupo vislumbrou estimular trabalhos de pesquisa que se afastem da mera descrição de nomes e datas, mas ao contrário busquem problematizar aspectos constituintes dos conflitos vivenciados nas práticas esportivas do presente, como por exemplo, as questões de gênero, de etnia, de distinção social, de exclusão, dentre outros.

Dessa forma, as produções textuais de cada modalidade esportiva apresentadas anteriormente se configuram como sínteses provocadoras de futuros trabalhos de pesquisa. Acredita-se também que essa iniciativa pode incentivar análises mais amplas do desenvolvimento esportivo em Minas, realizadas a partir do contraste dos aspectos rememorados de cada modalidade esportiva, possibilitando, dessa forma, perceber como que as práticas, o ensino e a organização esportiva produziu, cada um a seu modo, distintas representações de corpo, gênero, de classe social, de etnia etc.

Esses tipos de análises são fundamentais, pois a partir delas é possível perceber o papel das práticas esportivas na constituição dos hábitos e dos valores da sociedade belo-horizontina e vice-versa.

Mas independente de quaisquer desdobramentos de investigação teórica a partir desta pesquisa, acredita-se que ela por si só, já deu conta de muitos aspectos importantes, como por exemplo, o de identificar e registrar as vozes das pessoas que fizeram parte da história esportiva em Minas. Foi nítida a satisfação que os colaboradores apresentaram quando foram lembrados para relatar suas experiências como atletas, árbitros e dirigentes. Para

muitos a entrevista foi um momento de reconhecimento social e também de percepção particular de como foi importante a vivência esportiva para suas vidas. Foi possível perceber que a prática esportiva tem em si múltiplas facetas (sociais, econômicas, políticas, biológicas, dentre outras), que se desenvolvem, muitas vezes, encobertas pela hegemonia do discurso da saúde, mas que emergem nos testemunhos prestados.

Por fim, considera-se importante a continuidade desse tipo de pesquisa, haja vista que muitos protagonistas dessas modalidades ainda não foram entrevistados e que outras práticas esportivas, como o Vôlei e o Basquete, mencionados por várias vezes, ainda não foram sequer identificados.

11 – Bibliografia

ALBERTI, Verena. **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2000.

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). **Usos e abusos da história oral**. 5 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1996.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. *In: _____*. **Obras escolhidas**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a. v 1, p. 222-232.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs)*. **Usos e Abusos da História Oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2002.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da Historiografia: a escola dos annales (1929-1989)**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

CORRÊA, Carlos Humberto P. **História Oral: considerações sobre suas razões e objetivos**. In MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org). (Re)introduzindo História Oral no Brasil. São Paulo: Xamã, 1996, p.63-70.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **A legislação escolar como fonte para a História da Educação: uma tentativa de interpretação**. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). Educação, modernidade e civilização: fontes e perspectivas de análise para a história da educação oitocentista. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, p.89-125.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; SOUZA, Rosa Fátima. **A contribuição dos estudos sobre grupos escolares para a renovação da história do ensino primário no Brasil.** In: VIDAL, Diana (org.). Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). São Paulo: Mercado das Letras, 2006, p.21-57.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

JOUTARD, Philippe. In FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTYI, Verena. **História oral: desafios para o século XXI.** Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2000.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. **História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta.** In MEHY, José Carlos Sebe Bom (org). (Re)introduzindo História Oral no Brasil. São Paulo: Xamã, 1996, p.33-47.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

LEYDESDORFF, Selma. In FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena.. **História Oral: desafios para o século XXI.** Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2000.

LOYOLA, Holanda. **Pequenos Esportes.** São Paulo: Cia. Brasil Editora, s/data.

MARCASSA, Luciana. Recreação. In: GOMES, Christianne Luce (Org). **Dicionário Crítico do Lazer.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004. p.196-202.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História Oral: um locus disciplinar federativo.** In MEHY, José Carlos Sebe Bom (Org). (Re)introduzindo História Oral no Brasil. São Paulo: Xamã, 1996, p.48-55.

MUNHOZ, Virna Carolina Carvalho. Rua de lazer. In: GOMES, Christianne Luce (Org). **Dicionário Crítico do Lazer.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004. p.203-206.

PADILHA, Valquíria. Tempo livre. In: GOMES, Christianne Luce (Org). **Dicionário Crítico do Lazer.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004. p.218-221.

PEREIRA Jr., Cícero Cerqueira. *Peteca: Esporte ou Recreação?* 2 ed. Brasília: INDESP, 1996.

RODRIGUES, Marilita A. Arantes. Trilhas históricas da Peteca mineira: brinquedo, jogo ou esporte? *In: WERNECK, Christianne L. G. (et. al.) Coletânea do IX ENAREL - Encontro Nacional de Recreação e Lazer*. Belo Horizonte: UFMG/EEF/CELAR, 1997.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado** – história oral. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. História oral e contemporaneidade. **História Oral**: Revista da Associação Brasileira de História Oral. São Paulo, n. 05, junho de 2002.

VOLDMAN, Danièle. A Invenção do Depoimento Oral. *In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral*. 5 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2002.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. *O lazer no contexto ocidental: Pressupostos teóricos. Significados de recreação e lazer no Brasil: Reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964)*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2003. p. 26-75.

A N E X O S**ANEXO I****Relatório de Prestação de Contas (enviado via SINCOV)****ANEXO II****Termo de consentimento livre e esclarecido****ANEXO III****Carta de cessão de testemunho****ANEXO IV****Carta de agradecimento****ANEXO V****Quadro síntese das Transcrições****ANEXO VI****Transcrições digitadas**



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS/CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CENTRO DE ESTUDOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA, DO ESPORTE E DO LAZER
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro(a) colaborador(a),

O Centro de Estudos de Educação Física, Esporte e Lazer (CEEFEL) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais vem, por meio deste, convidá-lo/a à participar da pesquisa intitulada *“GARIMPANDO MEMÓRIAS DO ESPORTE: construindo Histórias de esportivização”* de autoria do pesquisador Joélcio Fernandes Pinto (professor desta instituição) e financiada pelo Ministério dos Esportes.

Tal pesquisa tem como objetivo central construir fontes orais sobre práticas esportivas em Minas Gerais (1950 a 1980). A metodologia para coletar as informações necessárias será a história oral, que consiste em gravar entrevistas formuladas com questões relativas ao tema. Sua participação na pesquisa tem o caráter voluntário e é assegurada sua recusa em participar a qualquer momento da pesquisa, o que deverá ser comunicado ao pesquisador.

A entrevista acontecerá em dia e local que melhor lhe convier, podendo acontecer em sua residência ou em salas desta instituição. Se por ventura a participação na entrevista incorrer em algum gasto com transporte e alimentação, o mesmo deverá ser previamente comunicado ao pesquisador, para que o mesmo possa autorizar a realização da mesma. A transcrição da entrevista só será divulgada com o seu consentimento, bem como, a sua identificação no texto da pesquisa. Ao rememorar algumas situações do passado pode ocorrer algum desconforto emocional, que deverá ser comunicado imediatamente ao pesquisador para que o mesmo interrompa o processo. Caso seja de seu interesse, a entrevista pode ser acompanhada por algum parente próximo.

Este termo tem por finalidade garantir que a sua participação nesta pesquisa transcorra com o maior respeito e dignidade. Assim, fica assegurado o direito a quaisquer esclarecimentos que não foram contemplados neste termo. Para tanto, utilize os contatos abaixo relacionados.

Sem mais para o momento, agradeço antecipadamente sua atenção.

ATENCIOSAMENTE,

PROF. JOELCIO FERNANDES PINTO - COORDENADOR

Prof. Ms. Joelcio Fernandes Pinto – Rua Eurita, 288, Santa Tereza, BH, MG. CEP 31010-210–2526.30.86/8834.21.26

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) – Av. Dom José Gaspar, Coração Eucarístico, BH, MG - Complexo esportivo. Tel. 3319.43.25.

ANEXO III**Carta de Cessão de Testemunho****PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS****INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS/CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA****CENTRO DE ESTUDOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA, DO ESPORTE E DO LAZER****CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS****SOBRE DEPOIMENTO ORAL**

Pelo presente documento, eu, _____

_____ domiciliado (a) e residente na cidade de _____ – Minas Gerais, declaro ceder ao Centro de Estudo da Educação Física, do Esporte e do Lazer da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à pesquisa *“GARIMPANDO MEMÓRIAS DO ESPORTE: mapeando histórias de esportivização”*.

Dessa forma, autorizo o referido Centro de Estudo a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento, bem como, permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

Belo Horizonte, de _____ de 2010.

Assinatura do depoente



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS/CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CENTRO DE ESTUDOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA, DO ESPORTE E DO LAZER

Caro(a) colaborador(a),

O Centro de Estudos de Educação Física, Esporte e Lazer (CEEDEL) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais faz uso deste instrumento para agradecer sua participação na pesquisa intitulada *“GARIMPANDO MEMÓRIAS DO ESPORTE: mapeando Histórias de esportivização”* de autoria do pesquisador Joelcio Fernandes Pinto (professor desta instituição) e financiada pelo Ministério dos Esportes.

Aproveitando a ocasião devolvemos a vossa senhoria a transcrição (anexo) da entrevista prestada e comunicamos que uma cópia impressa e uma digitalizada serão disponibilizadas para futuras investigações históricas sobre as práticas esportivas em Minas Gerais. Reforçando informações iniciais o produto desta pesquisa foi a elaboração de um catálogo de fontes orais sobre a prática, o ensino e a organização de esportes em Minas Gerais. Tal pesquisa gerou um relatório e um texto final que poderá ser acessado em breve, assim que a agência de fomento avaliá-los.

Para maiores esclarecimentos utilize os contatos abaixo relacionados.

Sem mais para o momento, agradeço sua atenção.

ATENCIOSAMENTE,

PROF. JOELCIO FERNANDES PINTO - COORDENADOR

Prof. Ms. Joelcio Fernandes Pinto – Rua Eurita, 288, Santa Tereza, BH, MG. CEP 31010-210–2526.30.86/8834.21.26

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) – Av. Dom José Gaspar, Coração Eucarístico, BH, MG - Complexo esportivo. Tel. 3319.43.25.

ANEXO V
Testemunhos / Transcrições

EIXO	ENTREVISTADOS	ENTREVISTADORES	Nº DE PÁGINAS e TEMPO DE ÁUDIO
Atletismo	Adilson Tassara	José Mauro Vidigal e Lilian Cristina de Almeida	20 pg. / 1h 48 min.
	Armando da Luz	José Mauro Vidigal e Lilian Cristina de Almeida	13 pg. / 2h 12 min.
	Eustáquia Salvadora	José Mauro Vidigal e Lilian Cristina de Almeida	13 pg. / 1h 19 min.
	Marta Miraglia	José Mauro Vidigal e Lilian Cristina de Almeida	14 pg. / 1h 48 min.
Ginástica	Carlos Roberto Resende	Marcus Vinicius Ambrosio Bonfim	22 pg. / 2h 19 min
	Eduardo da Silva	Marcus Vinicius Ambrosio Bonfim	10 pg. / 1h 01 min.
	Élcio Paulinelli	Marcus Vinicius Ambrosio Bonfim e Margareth de Paula Ambrosio	23 pg. / 1h 45 min
	Eliel Martins	Marcus Vinicius Ambrosio Bonfim	13 pg. / 1h 07 min.
	Ivana Aleixo	Marcus Vinicius Ambrosio Bonfim	11 pg. / 1h 20 min.
	Ivany Bonfim	Marcus Vinicius Ambrosio Bonfim	20 pg. / 1h 21 min.
	Kátia Lucia Lemos	Marcus Vinicius Ambrosio Bonfim	17 pg. / 1h 33 min
	Katya Mourthé	Marcus Vinicius Ambrosio Bonfim e Margareth de Paula Ambrosio	17 pg. / 1h 37 min.
	Maira Ribeiro	Marcus Vinicius Ambrosio Bonfim	12 pg. / 51 minutos
	Maria Gláucia Brandão	Marcus Vinicius Ambrosio Bonfim	10 pg. / 46 minutos
	Maria Inês Salles	Marcus Vinicius Ambrosio Bonfim	15 pg. / 1h 55 min.
Theresinha Bonfim	Marcus Vinicius Ambrosio Bonfim	20 pg. / 1h 21 min.	
Futebol de Salão	Airton de Mendonça	Alessandro dos Santos Costa	Questionário
	Jackson dos Santos	Joélcio Fernandes Pinto e Alessandro dos Santos Costa	30 pg. / 1h 50 min.
	José Silvério Lage	Alessandro dos Santos Costa e Juliana Gotschalg	23 pg. / 58 minutos

	Luciano Dias	Joélcio Fernandes Pinto e Alessandro dos Santos Costa	19 pg. / 48 minutos
	Niactor Neto	Alessandro dos Santos Costa	22 pg. / 55 minutos
	Paulo Bonfim	Alessandro dos Santos Costa	21 pg. / 48 minutos
	Paulo Cezar Gomes	Joélcio Fernandes Pinto e Alessandro dos Santos Costa	15 pg. / 1h 26 min.
	Roberto Arantes	Alessandro dos Santos Costa	18 pg. / 57 minutos
Tênis de Mesa	André Andrade	Guilherme Alves Abreu e Pedro Xavier	19 pg. / 51 minutos
	Leda Gontijo	Guilherme Alves Abreu e Denise de Souza	09 pg. / 39 minutos
	Lisete Memberg	Guilherme Alves Abreu e Pedro Xavier	14 pg. / 1h 16 min.
	Marcos dos Santos	Maria do Carmo Xavier e Pedro Xavier	25 pg. / 1h 03 min.
	Paula Rodrigues	Guilherme Alves Abreu e Pedro Xavier	54 pg. / 1h 16 min.
	Paulo Wildmann	Guilherme Alves Abreu e Pedro Xavier	26 pg. / 1h 11 min.
	Rodrigo Pereira	Guilherme Alves Abreu e Pedro Xavier	24 pg. / 1h 07 min.
	Sagabattin Beck Iskender	Maria do Carmo Xavier e Pedro Xavier	15 pg. / 1h 02 min.
